

Amelia Atwater-Rhodes

NAS FLORESTAS DA NOITE

Den of Shadows 01
In The Forests Of The Night

Disponibilização em Inglês: Fabiane Paixão
Tradução Mecânica: Fênix
Tradução e Formatação: BeLL
Revisão Final: BeLL

Grupo Fênix apresenta:



Para quem tem trezentos anos de idade Risika está muito bem conservada. Graças a um vampiro que transformou Risika há trezentos anos ela parecera ter 17 anos para sempre. Agora Risika é uma caminhante noturna que durante o dia dorme e a noite ronda a cidade de Nova York em busca de sangue fresco para saciar a sua sede nada humana.

Há poucas coisas no mundo mortal que surpreendem Risika, até que um dia ela volta de uma caçada e encontra em sua cama uma rosa preta. A mesma flor que lhe foi entregue na véspera de sua morte e que mudou o seu destino para sempre.

Agora uma batalha sangrenta terá início e Risika terá finalmente a chance de saber a verdade sobre o que aconteceu no passado.



NAS FLORESTAS DA NOITE é dedicado a todos que contribuíram para a história, especialmente:

Julie Nann por suas excelentes habilidades de ensino. Carolyn Barnes por falar com meu agente sobre mim. Todos os membros do Círculo da Luz da Vela por sua inspiração ligeiramente insana. Sarita Spillert pelo incentivo. Dan Hogan por suportar uma conversa por telefone às quatro da manhã. Laura Bombrun pela sua casa, que por coincidência é exatamente igual a de Risika. Além disso, eu preciso mencionar a minha família: meu heróico pai, William; a minha brilhante e inspiradora irmã, Rachel; a minha mãe linda e um pouco telepática, Susan e meu primo muito perspicaz, Nathan. Eu amo todos vocês.

O Tigre¹

*Tigre! Tigre! chama luminosa
Na noite da selva trevosa
Que mão ou olho imortal
Engendrariam tua simetria mortal?*

*Em quais báratros ou céus distantes
Queima o fogo de teus olhos cortantes?
Sobre quais asas ousa aspirar?
Qual mão desafia o fogo tomar?*

*E qual ombro, e qual empenho,
Torcer-te-iam o coração com engenho?
E quando teu coração começou a pulsar,
Qual mão terrível? qual pé poderia aplacar?*

*Qual o martelo? qual a corrente?
Em qual fornalha está tua mente?
Qual a bigorna? qual abraço afinal
Ousaria atracar-se ao teu terror mortal?*

*Quando as estrelas as lanças atiraram,
E os céus de lágrimas inundaram,
Ele sorriu ao ver sua criação?
Fez o cordeiro e a ti então?*

*Tigre! Tigre! chama luminosa
Na noite da selva trevosa
Que mão ou olho imortal
Engendrariam tua simetria mortal?*

William Blake

¹ Poema retirado do site: <http://recantodasletras.uol.com.br> - Traduzido por: Alex Raymundo

PRÓLOGO

UMA JAULA DE AÇO

É uma coisa cruel para se fazer, prender um animal tão bonito, tão apaixonado como se ele fosse apenas um animal burro, mas os seres humanos fazem isto com muita frequência. Eles até mesmo prendem a si mesmos, embora suas jaulas sejam feitas de sociedade, não de aço.

O tigre de Bengala possui listras da cor ouro e da cor preta por toda a sua pele e é o maior de todos os felinos. A placa diz "Panthera tigris tigris", apenas um nome fantasia para tigre. Eu chamo esta de Tora, ela é o meu animal favorito neste zoológico.

Tora caminha para mim quando me aproximo de sua jaula. As mentes dos animais são diferentes das mentes dos seres humanos, mas eu gastei muito tempo com Tora e agora nós nos conhecemos muito bem. Embora os pensamentos dos animais raramente possam ser traduzidos em pensamentos humanos, eu a entendo e ela me entende.

Um animal tão bonito não deve ficar enjaulado.

CAPÍTULO 1 – ATUALMENTE

Eu abandono minha forma humana para a de um falcão enquanto saio do zoológico, que já está fechado há horas. O guarda de segurança de repente caiu no sono, como muitos fazem ao encontrar meus olhos, então não há ninguém para testemunhar a minha partida.

Eu poderia aparecer em minha casa de imediato usando a minha mente, mas eu gosto da sensação de voar. De todos os animais, as aves sejam talvez o animal mais livre, pois eles são capazes de se mover através do ar e há muita pouca coisa que possa impedir seu voo.

Eu pouso uma única vez para me alimentar e em seguida chego a minha casa em Massachusetts, perto do nascer do sol.

Enquanto eu retorno à forma humana, eu pego um vislumbre de meu reflexo nublado no espelho do quarto. Meu cabelo é longo e da cor de ouro velho. Meus olhos, como os de todos os da minha espécie, tornaram-se pretos quando eu morri. Minha pele é pálida e no reflexo parece névoa. Hoje eu visto um jeans preto e uma camiseta preta. Eu nem sempre me visto de preto, mas essa é a cor do meu humor hoje.

Eu não ligo para o novo, as cidades construídas rapidamente pelos humanos são tão cheias de gesso e pintura, assim eu vivo em Concord, Massachusetts, uma cidade com história. Concord tem uma aura que diz: "Esta terra é nossa e nós vamos lutar para mantê-la dessa maneira." As pessoas que vivem aqui mantêm Concord como era antigamente, embora os carros tenham substituído as carruagens puxadas a cavalo.

Eu moro sozinha em uma das casas originais de Concord. Através dos anos eu me fiz de filha há muito perdida de vários casais ricos e idosos. É assim que eu "herdei" a casa onde vivo atualmente.

Embora que eu saiba, eu não tenha nenhuma relação familiar verdadeira, mas não é difícil influenciar os pensamentos e por consequência a papelada do mundo humano. Quando os mortais começam a me questionar muito de perto, eu posso facilmente mudar para outro local. No entanto, eu não faço amigos humanos, não importa quanto tempo eu permaneça em uma mesma área, por isso a minha existência e depois o meu desaparecimento raramente são notados.

A minha casa é perto do centro de Concord, a vista das janelas da frente é a Igreja Unitária e a vista das janelas de trás é um cemitério. Nenhuma das vistas me incomoda. Claro que existem fantasmas, mas eles não fazem nenhum dano, além do susto ocasional ou frio. Eles geralmente são demasiado fracos para serem vistos à luz do dia.

Não há um caixão em minha casa, eu durmo em uma cama. Obrigado! Eu tenho cortinas que bloqueiam a luz solar, mas só porque eu costumo dormir durante o dia. Eu não me queimo no sol, embora o sol muito forte machuque meus olhos.

Os mitos sobre vampiros são tão confusos que é fácil perceber que eles foram criados por mortais. Alguns mitos são verdadeiros: meu reflexo é fraco e os mais velhos de minha espécie não têm nenhum reflexo. Quanto aos outros mitos, há pouca verdade e muitas mentiras.

Eu não gosto do cheiro de alho, mas se o seu olfato fosse vinte vezes mais forte do que o de um cão de caça, você também não iria gostar do cheiro, iria? Água benta e cruzes não me incomodam, na verdade, eu tenho estado em cultos cristãos desde que eu morri, apesar de não

procurar mais consolo na religião. Eu uso um anel de prata enfeitado por uma pedra do tipo granada e a prata não me queimam. Se alguém enfiasse uma estaca em meu coração eu acho que eu morreria, mas eu não brinco com humanos, estacas ou marretas.

Já que eu estou falando sobre a minha espécie, eu poderia também contar algo sobre mim. Eu nasci com o nome de Rachel Weatere no ano de 1684, a mais de trezentos anos.

Aquela que me mudou me chamou de Risika e Risika eu me tornei, embora eu nunca tenha perguntado o que significava. Eu continuo a me chamar Risika, mesmo tendo sido transformada no que sou contra a minha vontade.

Minha mente vagueia para o meu passado, à procura do tempo em que Rachel ainda estava viva e Risika ainda não tinha nascido.

CAPÍTULO 2 – 1701

Havia cinzas na minha pele pálida por ajudar a apagar o fogo. Minha irmã Lynette, estava preparando a refeição da noite e chamas tinham pulado da lareira como braços tentando agarrá-la. Meu irmão gêmeo, Alexander, estava parado do outro lado da sala. Ele estava convencido que este acidente foi culpa dele.

— Estou condenado? — ele perguntou, olhando através de mim para a lareira agora fria.

Como ele quer que eu responda isso? Eu tinha apenas dezessete anos, uma menina ainda e certamente não um padre. Eu não sabia nada sobre condenação e salvação e o meu irmão gêmeo não sabia também. No entanto, Alexander ainda estava olhando para mim, seus olhos cor de ouro cheios de preocupação e vergonha, como se eu soubesse de tudo.

— Você deve perguntar estas coisas para um padre, não a mim — eu respondi.

— Digo a um padre o que eu vejo? Digo a ele que eu posso olhar dentro das mentes das pessoas, e que eu posso...

Ele parou de falar, mas nós dois sabíamos qual era o resto da frase. Durante meses, Alexander estava tentando esconder seus poderes que eram tão indesejáveis como o fogo tinha sido. Tremendo de medo, ele me contou tudo. Às vezes ele podia ouvir os pensamentos das pessoas ao seu redor, embora ele tentasse bloqueá-los. Se ele concentra-se em um objeto, ele poderia fazer o objeto se mover. E, acrescentou ele, se ele olhava para o fogo, ele poderia fazê-lo crescer ou se extinguir. Apesar de seus esforços para controlar estes poderes, eles eram às vezes mais forte do que ele.

Lynette tinha estado fazendo o jantar. Agora ela estava no médico com o nosso pai, sendo tratada por causa das queimaduras.

— É bruxaria — Alexander sussurrou, como se ele tivesse medo de dizer essas palavras em voz alta.

— Como posso dizer a um padre sobre isto?

Mais uma vez eu não pude responder. Alexander acreditava muito mais do que eu na perda da alma. Embora nós dois fizéssemos as nossas orações e íamos à igreja sem falta, onde eu era cética, ele era crente. Na verdade, eu tinha mais medo da frieza dos pregadores, do que do fogo do inferno com o qual eles nos ameaçavam. Se eu tivesse os poderes que o meu irmão estava descobrindo, eu teria ainda mais medo da igreja.

— Talvez isto foi o que aconteceu com a nossa mãe — Alexander disse calmamente.

— Talvez eu a machuquei.

— Alexander! — Engoli em seco, horrorizada que meu irmão pudesse pensar tal coisa.

— Como você pode se culpar pela morte da mamãe? Éramos bebês!

— Se eu posso perder o controle e machucar a Lynette quando eu estou com dezessete anos, quanto mais fácil teria sido para mim perder o controle sendo uma criança?

Eu não me lembro da minha mãe, embora, por vezes, papai fale sobre ela. Ela tinha morrido poucos dias depois de Alexander e eu nascermos. Seu cabelo tinha sido ainda mais claro do que o nosso cabelo, mas os nossos olhos eram exatamente da mesma cor que os dela. Uma exótica cor de ouro mel, nossos olhos eram perigosos em sua singularidade. Minha família não tinha sido bem aceita na comunidade, pois os nossos olhos podiam ter nos favorecido para acusações de bruxaria.

— Você nem está certo de que os machucados de Lynette são sua culpa — eu falei para Alexander.

Lynette foi a terceira filha de meu pai, nascida da segunda esposa dele. A mãe dela tinha morrido um ano antes de varíola.

— Ela estava inclinada perto demais do fogo, ou talvez de alguma forma tenha caído óleo sobre a madeira. Mas mesmo que você tenha causado o que aconteceu, não foi sua culpa.

— Bruxaria, Rachel — disse Alexander suavemente.

— Quão crime é isso? Eu feri alguém e eu não vou nem mesmo a igreja para me confessar.

— Não foi sua culpa! — Por que ele insistia em se culpar por algo que ele não poderia ter previsto?

Eu via meu irmão como um santo, ele mal podia assistir ao papai abater os frangos para a ceia. Eu sabia, com mais certeza do que ele, que ele nunca poderia ferir alguém intencionalmente.

— Você nunca pediu estes poderes, Alexander — eu lhe disse calmamente. Você nunca assinou o livro do Diabo. Você está tentando ser perdoado sem ter feito nada errado.

Papai voltou com Lynette para casa tarde naquela noite. Os braços dela tinham sido enfaixados, mas o doutor tinha dito que não haveria nenhum dano permanente. A culpa de Alexander ainda era tão forte, que ele se certificou que ela descansasse e não usasse as mãos, mesmo ele tendo que fazer a maioria do trabalho dela. Enquanto ele e eu cozinávamos o jantar, ele ocasionalmente me encarava com a pergunta em seus olhos suplicantes: Eu estou condenado?

CAPÍTULO 3 – ATUALMENTE

Por que eu estou pensando nestas coisas?

Encontro-me a olhar para a rosa em minha cama, tão parecida com a que eu ganhei quase trezentos anos atrás. A aura ao redor dela é como uma impressão digital: eu posso sentir a força e reconhecer quem a deixou. Eu o conheço muito bem.

Eu tenho vivido neste mundo durante trezentos anos e ainda assim eu quebrei uma das mais básicas regras. Quando eu parei ontem à noite para caçar depois de visitar Tora, eu entrei no território de outro.

A minha presa estava sem dúvida perdida, embora como todos os não nativos da cidade de New York, ela pensou que sabia onde estava indo.

A cidade à noite é como uma selva. No brilho vermelho da cidade que não dorme, as ruas e becos mudam a noite, assim como todos os humanos e os predadores que nelas habitam.

Com o pôr do sol, minha presa tinha se encontrado sozinha em uma área escura da cidade. As lâmpadas dos postes foram quebradas e havia mais sombra do que luz. Ela estava com medo. Perdida. Sozinha. Fraca. Presa fácil.

Ela virou para outra rua, em busca de algo familiar. Esta rua era ainda mais escura que a anterior, mas não da maneira que um humano poderia reconhecer. Era uma das muitas ruas da América que pertencem aos da minha espécie. Estas ruas parecem quase normais, menos perigosas, entretanto talvez um pouco mais desertas. Ilusões podem ser tão reconfortantes. Minha presa estava andando para uma planta carnívora. Se eu não fizesse, alguém iria matá-la assim que ela entrasse num dos bares ou pisasse em um café, que provavelmente nunca serviu nada que ela desejaria beber.

Ela pareceu relaxar um pouco quando viu o Café Sangra. Nenhuma das janelas estava quebrada, ninguém estava caído contra o edifício e o lugar estava aberto. Ela encaminhou-se para o café e eu segui em silêncio.

Senti outra presença humana à minha esquerda e a alcancei com minha mente para determinar se era uma ameaça.

Paredes foram erguidas em um instante, mas elas eram fracas, eu poderia passar através delas se eu tentasse. O humano em questão sentiria isto, entretanto isso não me importou.

— Esta não é a sua terra — ele me disse.

Embora eu pudesse sentir um pouco de aura de vampiro em torno dele, ele era definitivamente humano. Ele teve o seu sangue ligado a um vampiro e provavelmente ainda trabalhava para um, mas nenhum de meu tipo.

Ele não era uma ameaça, então eu nem me incomodei em procurar em sua mente.

— Esta não é a sua terra — ele falou novamente.

Eu sabia que ele podia ler minha aura, mas eu era forte o bastante para camuflar minha aura, então para ele eu devo ter parecido jovem. Ainda assim, ou ele era muito tolo ou ele estava

trabalhando para alguém muito forte, possivelmente ambos. Uma vez que não há mais que cinco ou seis vampiros na Terra, que sejam mais fortes do que eu, eu tinha pouco a temer.

— Saia — ele me ordenou.

— Não — eu respondi, continuando em direção ao Café Sangra.

Eu o ouvi sacar uma arma, mas ele não teve tempo para apontar, pois eu estava lá antes disso. Eu torci a arma fortemente para o lado e ele a deixou cair para que seu pulso não quebrasse. Os olhos de minha presa se esbugalharam quando ela viu isto e ela fugiu às cegas, correndo pelo beco. Humana estúpida.

Eu deixei de ocultar minha aura e os olhos de meu atacante se alargaram quando ele sentiu minha força completa.

— Isso é tudo com o que você está armado? — Eu ridicularizei.

— Você trabalha para os da minha espécie, você tem que ter mais de uma arma.

Ele tentou sacar uma faca, mas eu a agarrei primeiro e a joguei na rua forte o bastante para enfiar 3 centímetros de aço no chão.

— Quem-quem é você? — ele gaguejou, com medo.

— Quem você acha que eu sou criança?

Eu tendo a evitar a maioria da minha espécie e destruir aqueles que insistem em se aproximar. Devido a isto, poucos me reconhecem.

— A quem você pertence? — Eu rosnei quando ele não respondeu imediatamente. Eu recebi em retorno apenas um olhar em branco.

Eu alcancei a sua mente e arranquei as informações que eu queria. Os da minha linha são os mais fortes entre os vampiros quando se trata de utilizar as nossas mentes e eu nunca encontrei uma razão para evitar o exercício deste poder. Quando eu encontrei o que eu buscava, eu joguei o humano para longe de mim.

Eu praguejei enquanto eu percebia a quem este humano pertencia.

Aubrey... Ele é um dos poucos vampiros que são mais fortes que eu. Ele também é o único que se importaria com a minha presença em sua terra.

Eu já tinha estado nesta parte da cidade de New York, mas nunca tinha encontrado Aubrey ou qualquer um dos seus servos aqui. No entanto, de acordo com este humano, o local pertencia ao meu inimigo.

Meu atacante sorriu zombeteiramente. Talvez ele pensasse que eu estava com medo de seu mestre. Realmente, eu temo Aubrey mais que tudo nesta terra, mas não o suficiente para poupar esta criança. Aubrey ficaria sabendo sobre minha invasão a seu território de uma maneira ou de outra e esta criança estava me aborrecendo.

— Ryan — eu sussurrei, encontrando o seu nome enquanto eu lia a mente dele. Ele relaxou ligeiramente. Eu sorri, com minhas presas cintilando e ele empalideceu ficando da cor de um calcário branco.

— Você me fez perder minha presa.

Antes que ele tivesse a chance de correr, eu passei por ele colocando uma mão na parte de trás de seu pescoço. Quando eu fiz isto eu apanhei seu olhar e sussurrei uma única palavra em sua mente: durma. Ele ficou mole e não lutou quando minhas presas perfuraram a sua garganta. Eu podia saborear um vestígio do sangue de Aubrey no elixir que corre pelas veias de Ryan e aquele gosto me fez estremecer.

Eu não me incomodei tentando disfarçar a matança. Se Aubrey desejasse reivindicar esta rua, ele poderia lidar com o corpo e as autoridades humanas. De qualquer maneira, Aubrey sentiria minha aura e saberia que eu tinha estado ali, muito poucos ousariam matar um dos funcionários de Aubrey no seu próprio território.

Embora eu temesse Aubrey e temia o que aconteceria se eu o enfrentasse novamente, eu me recusei a mostrar medo. Esta foi a primeira vez que os nossos caminhos se cruzaram em quase trezentos anos, eu não iria mostrar que eu ainda o temia.

Aubrey... Ódio fálscia em mim ao pensar nele.

A rosa de cabo longo repousa sobre o acolchoado escarlate em cima de minha cama, suas pétalas são macias, perfeitamente formadas e pretas.

Eu pego a rosa, cortando minha mão em um espinho, que é tão afiado quanto o dente de uma serpente. Eu olho para o sangue por um momento enquanto a ferida cura, isso me fez lembrar de um longo tempo atrás, então, distraidamente eu lambo o sangue. Minha mente retorna novamente para o tempo em que eu ainda era Rachel Weatere, uma época em que me foi dada outra rosa negra.

Naquela vez eu não lambi o sangue.

CAPÍTULO 4 – 1701

— Rachel — disse Lynette. Você tem um visitante. Papai está esperando com ele. Seu tom me lembrou o de uma criança emburrada.

Quase um mês se passou desde que Lynette tinha se queimado. Minha irmã não tinha conhecimento da mente torturada de Alexander, ela nada sabia sobre os poderes dos quais ele tinha tanto medo e ela acreditava que o fogo foi um acidente.

Alexander não tinha falado novamente comigo sobre as coisas que ele viu, entretanto eu reconheci os momentos em que as visões surgiam em sua mente. Eu só notava quando o seu rosto ficava escuro e ele perdia o foco, como se ele estivesse ouvindo vozes que só ele podia ouvir.

Quando eu cheguei à porta, eu vi o que tinha feito Lynette infeliz. O visitante era um homem jovem, moreno, com olhos pretos que, eu só conhecia vagamente. Lynette tinha quatorze anos e ela se ressentia com a atenção que garotos da cidade prestavam em mim, embora ela nunca tivesse dito nada em voz alta.

Alexander estava olhando para o visitante com um olhar sombrio. Eu me lembrei da confissão que ele fez a mim sobre as coisas que ele via e como ele podia ouvir os pensamentos das pessoas ao redor dele. Eu tinha medo de saber o que ele estava vendo e ouvindo agora.

Afastando-se do meu irmão, eu olhei para o nosso visitante. Ele usava calças pretas e uma camisa carmesim. A cor era muito ousada para a época, às tintas para cores tão brilhantes eram caras. O conjunto inteiro tinha custado provavelmente mais do que o meu guarda-roupa inteiro.

— Por favor, entre — meu pai disse. Eu sou Peter Weatere, o pai de Rachel e este é o meu filho Alexander.

— Está é a minha outra filha, Lynette — acrescentou ele quando nós nos juntamos a eles. E é claro que você conhece a Rachel.

Papai assumiu que, desde que nossa visita chamou por mim, que ele me conhecia. Mas eu só o tinha visto antes de passagem e a única vez na qual eu falei com ele, ele não tinha me dito o seu nome.

— Aubrey Karew — o jovem se apresentou, apertando a mão de meu pai.

Eu ouvi um fraco traço de acento, embora eu não pudesse distinguir com certeza. Eu não tinha tido muito contato com diferentes idiomas.

Eu olhei para cima e os olhos de Aubrey pareciam me segurar. Seus olhos enviaram calafrios pela minha espinha. Algo me impediu de desviar o olhar, como se eu fosse uma ave capturada pelos olhos de uma serpente.

— Como eu posso ajudá-lo, Sr. Karew? — meu pai perguntou.

Eu tentei manter meus olhos para baixo, como era apropriado, mas não consegui. Os olhos de Aubrey estavam me hipnotizando e eu não conseguia afastar meu olhar.

Então este jovem estranho entregou-me uma rosa, que eu peguei sem pensar. Eu não deveria aceitar presentes de homens que meu pai tinha acabado de conhecer, mas a forma com que os

olhos deste homem me pegaram, tinham me assustado e eu peguei a rosa antes mesmo de perceber o que era.

— Sr. Karew — meu pai disse, franzindo a testa — isto é um pouco impróprio.

— Você tem razão — disse Aubrey.

Papai se levantou silenciosamente. Eu olhei para a rosa que eu ainda estava segurando. A rosa era linda. Rosas com um cabo longo como esta não crescem nas colônias do norte. Por um momento eu pensei que a rosa era da cor vermelho escuro, mas logo eu percebi que era preta. Um dos espinhos furou a pele de minha mão, o sangue surgiu e eu transferi a rosa para a outra mão, esperando que ninguém tivesse notado.

Eu olhei para trás para Aubrey, cujos olhos estavam olhando para o corte na minha mão e outro calafrio percorreu as minhas costas. Ele se virou abruptamente e saiu. Ele tinha ido embora antes que alguém pudesse dizer uma única palavra.

Meu pai se virou para mim, o rosto severo, mas meu irmão interveio.

— É demasiado tarde para discutir racionalmente sobre o nosso visitante. Nós precisamos dormir antes do sino tocar para a igreja amanhã.

Eu conhecia o meu irmão muito bem e eu reconheci o seu tom: ele desejava discutir a respeito de Aubrey, mas não com o meu pai. Papai concordou com a cabeça e respeitou meu irmão.

Alexander tinha sido o único em minha família que percebeu o corte em minha mão. Depois que meu pai saiu, ele me levou para o banheiro para lavá-lo, sua expressão preocupada.

— O que está errado, Alexander? — Eu perguntei, ainda segurando a rosa, embora eu mal tenha notado que estava fazendo isso.

— Você olha como se o nosso convidado tivesse a língua de uma serpente.

— Talvez ele tenha — disse Alexander, sua voz baixa e escura.

— Um jovem de olhos negros que nós nunca vimos, vem à nossa porta e oferece-lhe uma rosa preta. Você aceita o presente dele e parece não poder largá-la, mesmo depois de ter sido machucada pela rosa.

— O que você está dizendo? — Eu sussurrei, chocada.

— Eu posso não ter um pacto com o diabo, mas isso não significa que não há criaturas lá fora que pertencem a ele.

— Alexander! — Eu sussurrei, chocada com a implicação. Ele tinha acabado de acusar Aubrey de ser uma das criaturas do Diabo.

Eu olhei para a rosa, que ainda estava em minha mão e então a coloquei deliberadamente no chão, tentando convencer o meu irmão e talvez a mim mesma que tal ato era possível.

Mesmo assim, o meu olhar permanecia em suas pétalas pretas e eu percebi como Alexander tinha se sentido quando eu lhe disse para falar com um padre após o acidente de Lynette. O que eu poderia dizer para um padre para explicar sobre a rosa negra que eu tinha aceitado? Afinal de contas, eu tinha ouvido falar que as pessoas faziam pactos com o diabo usando sangue e o meu sangue tinha sido derramado.

Alexander voltou para a casa silenciosamente e eu o assisti ir, sem saber o que dizer. Eu não poderia negar que a rosa era linda, perfeitamente formada e podia-se notar que tinha acabado de abrir. A cor, porém, era a cor da escuridão, morte e de todas as coisas más das quais eu tinha conhecimento: corações negros, magia negra, negro...

Olhos negros. Olhos negros hipnóticos.

Eu não gostei de pensar que eu poderia ter aceitado um presente de uma das criaturas do Diabo. Então eu convenci a mim mesma que eu não tinha.

Talvez se eu tivesse acreditado...

Talvez nada. O que eu poderia ter feito?

O dia seguinte seria o meu último dia naquele mundo, meu último dia para falar com meu pai, minha irmã ou meu irmão, meu último dia para puxar o ar e saber que sem ar eu morreria. Seria o último dia para agradecer ao sol por dar luz aos meus dias.

Eu discutiria com Alexander e evitaria meu pai. E, como todos os humanos eu jamais iria agradecer ao sol ou ao ar pela sua existência. Luz, ar e o amor de meu irmão... eu tinha isso como garantido, mas alguém levou a todos embora.

Meu último dia de humanidade... Rachel Weatere morreria na próxima noite.

CAPÍTULO 5 – ATUALMENTE

Eu puxo meus pensamentos do passado, não querendo me lembrar daquela noite e meu olhar retorna novamente para a rosa preta. Pergunto-me brevemente, onde foi cultivada. É tão semelhante a rosa que Aubrey me deu há trezentos anos.

Eu hesito em pegar o cartão branco que o florista tinha colocado junto com a rosa, mas por fim o pego da cama.

Fique em seu lugar, Risika.

A rosa é um aviso. Aubrey não gostou de ter o seu funcionário morto em sua própria terra e ele está me fazendo lembrar de meu passado.

Eu caço novamente na cidade de New York esta noite, cuidadosa para não me desviar para as terras de Aubrey, mas recusando-me a desistir das minhas áreas favoritas de caça, por medo.

Eu paro na parte dele de New York por um momento. Eu queimei o cartão e deixei as cinzas em uma sacola plástica na porta da frente do Café Sangra. Eu não recebo ordens de ninguém.

Alguns vampiros, como alguns humanos, não sabem nada além da submissão. Eles não desejam crescer em poder. Mas esses vampiros são raros. Poucos vampiros se permitirão mostrar medo por outro vampiro, pois assim que se prove que você é mais fraco, você se torna a caça. O caçador odeia ser caçado, perseguido ou ferido. Se não odiasse, não seria um caçador agressivo e aqueles que não podem ser caçadores agressivos são caçados enquanto tremem e se escondem, porque a noite é escura.

Para sempre é muito tempo para se viver com medo.

Mesmo assim, eu não irei ver Tora esta noite. Eu não quero chamar a atenção de Aubrey para ela, até que ele tenha esquecido este pequeno desafio. Embora eu me ressinta de ser mantida longe dela, eu prefiro me afastar que fazê-la morrer para que meu orgulho possa ser satisfeito. Por Tora, eu me permito temer Aubrey.

Depois de caçar, eu mudo para a forma de um falcão e retorno para Concord, minha mente continua perturbada. Eu vou para cama pelo resto do dia, mas eu não sonho... eu simplesmente me lembro.

CAPÍTULO 6 – 1701

Alexander me evitou no dia seguinte a visita do Sr. Karew. Nós fizemos os serviços matutinos como uma família, mas o resto do dia Alexander ficou principalmente em seu quarto. Durante o curto período de tempo no qual ele saiu do quarto ele parecia confuso, como se ele estivesse vendo algo que eu não podia ver ou ouvindo vozes que eu não podia ouvir. Talvez ele estivesse. Eu ainda não sabia e eu nunca iria.

Quando ele se aproximou de mim no início da noite, o olhar confuso tinha sumido substituído por determinação.

— Rachel?

— Sim?

— Eu preciso falar com você — Alexander disse-me. Eu não sei como explicar a você de forma que você não pense... Ele fez uma pausa, e eu esperei que ele continuasse.

— Há criaturas neste mundo, além dos seres humanos — Alexander continuou sua voz ganhando força e determinação. Mas eles não são o que os caçadores de bruxas dizem que são. As bruxas... Mais uma vez Alexandre fez uma pausa, e eu esperei por ele decidir como dizer o que ele precisava dizer.

— Eu não sei se Satanás existe, eu nunca o vi pessoalmente, mas eu sei que há criaturas lá fora, que condenariam você se pudessem, simplesmente por maldade.

Isto não era nada do que eu já não tinha ouvido antes na igreja. Mas meu irmão disse isto de uma forma diferente da do padre. Eu diria que soou como se Alexander tivesse mais fé, mas não era só isto. Soou como se, em sua mente ele tivesse uma prova.

— Alexander, o que aconteceu? — Eu sussurrei. As palavras dele pareciam um aviso, mas não foi um aviso, eu compreendi. Alexander suspirou profundamente.

— Eu cometi um erro, Rachel. — Então ele não disse mais nada sobre isto.

Fui para a cama naquela noite me sentindo desconfortável. Eu estava com medo de saber o que as palavras de Alexander significavam, mas eu estava com ainda mais medo, porque eu não sabia.

Por volta das onze horas, eu ouvi passos passando por minha porta, como se alguém estivesse tentando sem sucesso se mover silenciosamente. Levantei-me silenciosamente, para não acordar Lynette, com quem eu dividia o quarto e fui na ponta dos pés até a porta. Eu deixei o meu quarto e entrei na cozinha, onde eu peguei um vislumbre de Alexander saindo pela porta dos fundos. Comecei a segui-lo, perguntando-me por que ele estava saindo escondido de casa tão tarde da noite.

Eu conhecia muito bem o olhar vazio que eu havia vislumbrado em seu rosto, ele tinha visto alguma coisa em sua mente. Seja qual for a visão que tinha tirado ele de seu sono o tinha assustado, e doía-me que ele tivesse passado diretamente pela minha porta, sem nem mesmo hesitar, não estando disposto a confiar em mim.

Alexander tinha saído pela porta dos fundos, mas eu hesitei ao lado da porta, ao ouvir vozes atrás de casa. Alexander estava falando com Aubrey e com uma mulher que eu não conhecia. Seu

sotaque era diferente do de Aubrey, mas novamente não me era familiar. Eu não sabia então, que ela tinha sido levada a falar uma língua a muito tempo morta.

A mulher com a qual Alexander estava falando, tinha cabelos negros que caíam até os seus ombros e formavam um anel escuro em torno de sua pele pálida e olhos negros. Ela usava um vestido de seda preto e jóias de prata que quase cobriam sua mão esquerda. Em seu pulso direito, ela usava um bracelete de prata com o desenho de uma cobra, onde no lugar dos olhos da cobra haviam rubis.

O vestido preto, as jóias, e principalmente os olhos vermelhos da serpente, trouxeram uma palavra a minha mente: bruxa.

— Por que eu? — ela estava perguntando para Alexander.

— Somente fique longe — ordenou ele. Ele soou tranqüilo, mas eu o conhecia bem. Eu peguei o tremor na sua voz... o som da raiva e do medo.

— Tentação — a mulher disse, empurrando Alexander. Ele caiu contra a parede e eu pude ouvir o impacto de suas costas quando ele atingiu a madeira. Mas ela mal o tinha tocado!

— Criança, você poderia se arrepender por me ordenar ficar longe de sua irmã — a mulher acrescentou friamente.

— Não a machuque, Ather. — Foi a primeira vez eu o tinha ouvido falar o nome dela, calafrios desceram por minha espinha ao ouvir meu irmão falar o seu nome. Meu irmão iluminado não pertencia ao mundo escuro do qual ela tinha vindo.

— Eu quero dizer — Alexander disse, dando um passo à frente. Eu sou aquele que atacou você, então deixe Rachel em paz. Se você precisar lutar com alguém para curar o seu orgulho, brigue comigo, não com minha irmã.

Quando eu ouvi isso, meu coração saltou. Alexander era meu irmão, eu tinha nascido com ele e andado com ele. Eu o conhecia e eu sabia que ele não iria prejudicar outro ser humano.

— Você e aquela bruxa não deveriam ter interrompido a minha caça — disse Ather.

— Você deveria ser grata, "aquela bruxa" me ajudou a te parar. Se você tivesse matado Lynette...

— Que irmã é mais importante para você, Alexander, sua gêmea, ou Lynette? Você retirou sangue, você deveria ter se lembrado de Rachel antes de fazer isso.

— Eu não vou deixar você mudá-la — Alexander rosnou.

— Porque, Alexander? — Ather disse, avançando sobre ele novamente. O que lhe deu a idéia de que eu a quero mudar? Ela sorriu e eu vi os seus dentes quando o brilho do luar caiu sobre eles. Então ela riu. Só porque ela aceitou o meu presente?

Ather deu mais um passo em direção a Alexander, e ele recuou. Ela riu de novo.

— Covarde.

— Você é um monstro — Alexander respondeu. E eu não lhe permitirei fazer da Rachel um também.

— Aubrey — Ather disse. Nada mais. Aubrey tinha estado parado silenciosamente nas sombras. Ele riu e se moveu para trás de Alexander, mas meu irmão não reagiu. Ele parecia sem medo de ter Aubrey as suas costas.

— Rachel, venha se juntar a nós — Ather me chamou. Eu gelei, eu não tinha percebido que ela tinha me visto. Ather acenou para Aubrey, que deu um passo em minha direção, como se ele fosse me escoltar até o quintal. Eu não recuei perante ele, pelo contrário, eu fiquei irritada.

— Afasta-te de mim — eu rosno. Eu soei fui muito sincera e Aubrey piscou em surpresa. Ele deu um passo para o lado e me permitiu passar por ele para ir até Ather.

Alexander tinha dito que ele havia cometido um erro. Agora ele estava tentando me proteger dos dois que vieram vingar aquele engano. Eu passei por Aubrey para ir até onde Ather estava parada.

— Quem é você? — Eu exigi. O que está fazendo você aqui?

— Rachel — ela ronronou me cumprimentando e ignorando minhas perguntas. Ela mostrou suas presas quando sorriu e eu me lembrei da serpente em seu bracelete.

— Rachel, não fique brava — Alexander me advertiu.

— Tarde demais. — Eu cuspi as palavras no rosto de Ather. Por que você estava ameaçando ele?

— Não exija respostas de mim, criança — Ather me repreendeu.

— Não me chame de criança. Deixe minha propriedade agora e deixe meu irmão em paz. Ather riu.

— Esta criatura verdadeiramente significa tanto para você? — ela me perguntou.

— Sim. — Eu não hesitei em responder. Alexander era meu irmão gêmeo. Ele era parte de minha família e eu o amava. Ele tinha sido amaldiçoado com uma mistura de muita fé e poderes condenáveis. Ele não merecia o sarcasmo que ele estava recebendo dela.

— Isso é lamentável — Ather disse secamente e em seguida — Aubrey, você pode lidar com essa distração? Comecei a virar para Aubrey, que tirou uma faca da cintura e eu mal o vi agarrar o meu irmão, quando Ather pegou minha cabeça entre suas mãos poderosas e me obrigou a olhar em seus olhos. Agora ele não significa nada.

Ouvi Aubrey rir, e depois parar. Eu pensei ter ouvido um sussurro, mas era tão suave, tão rápido, que poderia ter sido o vento. Aubrey voltou a minha linha de visão, embainhando sua faca. Então, ele desapareceu e eu fiquei olhando o lugar onde ele tinha estado de pé. Olhei em estado de choque, talvez. Eu não ouvia mais nada, não sentia mais nada.

Então o que tinha acabado de acontecer pareceu me bater e eu tentei me virar para o meu irmão, que estava tão silencioso, muito silencioso...

Ather agarrou meu braço.

— Deixe ele lá, Rachel — disse-me ela.

Mas Alexander foi ferido, talvez estivesse morrendo. Eu não tinha dúvidas de que Aubrey tinha puxado a faca para matá-lo. Como ela poderia me dizer para deixá-lo? Ele precisava de ajuda.

— Eu falei para deixá-lo — Ather sussurrou, mais uma vez, me virando na direção dela. Eu dei um passo para trás, encontrando os seus olhos negros.

O choque estava começando a bloquear a minha mente, bloqueando o caminho do terror e da dor. Meu irmão não poderia estar morto, não assim de repente.

— Você sabe o que eu sou, Rachel? — Ather me perguntou e a questão me tirou do meu mundo silencioso. Esta era a realidade, não a morte de Alexander, não as rosas negras. Eu poderia lidar com este momento, enquanto eu não pensasse no momento anterior.

— Você parece ser uma criatura igual as das lendas — eu disse cuidadosamente, preocupada com as consequências que as minhas palavras poderiam ter.

— Você está certa. — Ather sorriu novamente e eu queria tirar aquele sorriso do rosto dela com um tapa. Lembrei-me das palavras de Alexander para ela... eu sou quem atacou você... e minha surpresa ao ouvi-las. Eu não podia acreditar que meu irmão poderia machucar alguém. A idéia de que tal violência estava em mim foi chocante... mas também estranhamente excitante.

Ather continuou antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

— Eu quero te fazer uma da minha espécie.

— Não — eu disse a ela. Saia. Agora. Eu não quero ser o que você é.

— Eu disse que você tinha uma escolha?

Eu a empurrei com toda a minha força, mas ela mal tropeçou. Ela agarrou meus ombros. Dedos com unhas longas agarraram meu cabelo, ela inclinou minha cabeça para trás e depois se inclinou para frente para que seus lábios tocassem a minha garganta. As presas que eu tinha visto antes perfurando minha pele.

Eu lutei, eu lutei pela alma imortal que os padres tinham me ensinado a acreditar. Eu não sei se alguma vez eu acreditei nisso, eu nunca tinha visto Deus e Ele nunca tinha falado comigo, mas eu lutei por ele de qualquer maneira e eu lutei por Alexander.

Nada do que eu fiz importou.

A sensação de ter seu sangue sugado é ao mesmo tempo sedutora e reconfortante, como uma carícia e uma voz suave que está em sua mente, sussurrando relaxe. Isto faz você querer parar de lutar e cooperar. Eu não iria cooperar. Mas se você se esforçar, dói.

A mão direita de Ather prendeu minhas mãos para trás de mim e sua mão esquerda me segurou pelos cabelos. Seus dentes estavam na veia que corria pela minha garganta, mas a dor me atingiu no peito. Era como se fogo líquido estivesse sendo forçado através de minhas veias, em vez de sangue. Meu coração começou a bater mais rápido, pelo medo, pela dor e pela perda de sangue. Por fim, eu perdi a consciência.

Um minuto ou uma hora depois, eu despertei por um momento em um lugar escuro. Não havia luz, nem som, somente a dor e o líquido grosso e quente que estava sendo forçado pelos meus lábios.

Engoli em seco novamente e mais uma vez, antes que minha cabeça ficasse limpa. O líquido era amargo e enquanto eu bebia, eu tive uma impressão de poder e... não de vida ou de morte, mas de tempo. De força e eternidade...

Finalmente eu percebi o que eu tinha estado bebendo. Eu repeli o pulso que alguém estava segurando nos meus lábios, mas eu estava fraca e estava tão tentador.

— Tentação. — A voz estava em meus ouvidos e em minha cabeça e eu reconheci como sendo de Ather.

Mais uma vez eu afastei o seu pulso, embora meu corpo gritasse comigo por fazer isso. Ather era insistente, mas eu também era. Eu de alguma maneira consegui virar minha cabeça, apesar da dor que passava por mim a cada batida do meu coração. Eu podia ouvir o meu próprio pulso em meus ouvidos e ele acelerou até que eu mal podia respirar, mas ainda assim eu repeli o sangue. Eu acreditei, durante aquele segundo, na minha alma imortal e eu não iria abandoná-la, não de boa vontade.

De repente Ather tinha ido embora. Eu estava sozinha.

Eu podia sentir o sangue em minhas veias, entrando em meu corpo, alma e mente. Eu não podia puxar o ar, a minha cabeça doía e o meu coração disparou. Então ambos reduziram a velocidade.

Eu ouvi meu próprio coração parar.

Senti minha respiração.

Minha visão embaçou e a escuridão encheu minha mente.

CAPÍTULO 7 – ATUALMENTE

Nunca antes e nunca depois eu senti a minha alma rasgando e uma dor de cabeça dilaceradora como eu experimentei naquela noite. Eu olhei para as mentes dos filhotes dispostos e eu nunca vi a minha própria dor refletida. Minha linha de força vem com um preço e o preço é a dor. Isso mudou todos nós. Não se pode estar consciente durante a sua própria morte e não ser mudado.

Talvez essa foi a pior parte. Ou talvez a pior parte da minha história ainda está por vir.

As visões de meu passado demoram no presente. A face de Alexander flutua em minha mente e eu não consigo fazê-la desaparecer. Minhas duas vidas não têm nada em comum, ainda assim, enquanto estou nessa casa eu sinto como se eu tivesse sido de alguma forma transportada de volta ao passado, antes do meu irmão ser morto.

Buscando diversão, eu vou para a cidade de New York. Eu mudo para a forma de um falcão. Eu simplesmente me trago com a habilidade que só os da minha espécie tem, a habilidade de mudar para energia pura, puro éter, para num instante viajar naquela forma para outro lugar. Eu preciso de apenas um pensamento e eu chego em menos de um segundo.

Eu automaticamente camufo a minha aura enquanto eu apareço no beco, não querendo anunciar a minha presença para o mundo. Então eu passo pela porta de madeira que leva a Ambrosia, um dos muitos clubes da cidade para vampiros. Este lugar já foi de outra cria de Ather, um vampiro chamado Kala. Mas Kala foi morto por um caçador de vampiros. Sim, eles existem. Bruxas e às vezes até mesmo humanos caçam os da nossa espécie. Eu não sei a quem pertence este lugar agora que eles mataram Kala.

O clube é pequeno e se parece com qualquer outro café - ou seria se o lugar tivesse janelas e mais iluminação do que a única vela no corredor poderia oferecer. Claro que eu posso ver mesmo com a luz fraca, mas um humano estaria quase cego em Ambrosia.

No balcão tem outro de minha espécie. Eu não o conheço. Ele tem a cabeça apoiada no balcão e a pele pelo que eu posso ver esta quase cinza. Enquanto eu passo pela porta ele nem sequer olha na minha direção, mas ele consegue levantar a cabeça tempo suficiente para esvaziar o copo que estava em frente a ele e enquanto ele lambe o sangue de seus lábios um estremecimento passa por seu corpo.

— Quem fez isto a você? — Eu lhe pergunto, curiosa. Não há nenhuma doença na Terra que os da minha espécie possam pegar e quase nenhum veneno pode nos afetar, então eu me pergunto por que ele parece doente.

— Algum maldito Triste — o estranho rosna. Ele estava no Café Sangra. Eu nem sequer percebi que ele não era humano.

Eu me pergunto como Aubrey reagiria se ele descobrisse que um bruxo Triste esteve no Café Sangra.

Os bruxos Triste parecem quase idênticos aos seres humanos. Se a pessoa puder ler auras, as suas auras se parecerão idênticas. Seus corações batem e eles respiram. Eles precisam comer, assim como os seres humanos. Seu sangue tem o mesmo gosto do sangue humano.

No entanto, eles não são de forma alguma humanos. Como os vampiros, os bruxos Triste são imortais. Eles não envelhecem e seu sangue é veneno para a nossa espécie. Esta criança, que por

acaso tentou se alimentar de um bruxo Triste é sortuda por não ter tomado muito sangue ou então ele teria morrido.

— Desde quando Aubrey permite bruxos Tristes em seu território? — Eu pergunto-lhe. Os vampiros e os bruxos geralmente são inimigos. A palavra Triste quase pode ser usada como sinônimo para caçador de vampiros.

— Ele não permite. Eu estava me alimentando — ele respondeu, se encolhendo um pouco. E então me encontrei no chão com o braço quebrado. Aubrey me jogou longe do bruxo como se eu fosse uma boneca. Eles entraram em uma discussão, e o bruxo foi expulso. Mas este bruxo, ele me deu isto antes de sair, ele disse, segurando um pedaço de papel dobrado. Ele me disse para dar isto a uma cria de Ather. Ele acrescenta: Ather não possui nenhuma cria chamada Rachel, não é?

— O quê? — Eu engasgo. Eu sou a única cria de Ather que já foi chamada por esse nome e somente Ather e Aubrey sabem disso.

— Ele me disse: "Dê isto a cria de Ather chamada Rachel. "

Eu já não queria mais tomar o papel de sua mão. Eu não quero saber o que ele diz. Rachel foi humana, frágil, presa. Apenas Aubrey me chamaria por esse nome. Exceto por Ather, ele é o único que sabe das lembranças que esse nome mexe e ele seria o único que tentaria me ferir com isso.

Eu não sou mais Rachel e eu nunca mais poderei ser Rachel novamente, eu penso. Rachel está morta.

Eu deixo Ambrosia sem outra palavra, minha cabeça pulsando com raiva. Eu vi Aubrey apenas duas vezes desde a minha morte e ambas às vezes foi há muito tempo atrás. Até recentemente, eu tenho evitado ele como sangue ruim.

Quando eu voltei à minha casa de madrugada, eu encontrei um dos funcionários de Aubrey no meu quintal. Esta é a minha cidade e eu não tolero outros vampiros, ou os seus funcionários no meu território. Isso se aplica a Aubrey, acima de tudo, porque ele iria tomar o que é meu, se eu permitisse.

Eu mudo para a forma humana a menos de um passo do intruso e o empurro contra a parede da casa.

— O que você quer? — Eu exijo.

— Aubrey me mandou...

Eu não tenho nenhuma paciência e alcanço a mente dele, encontrando as informações que eu quero. Aubrey mandou ele me avisar para me afastar de novo. Se Aubrey tivesse vindo ele mesmo nós teríamos lutado e enquanto eu sei que ele não tem medo de me desafiar, eu não posso nos ver lutando novamente sem que um de nós morra desta vez.

— Diga a ele que eu caço onde eu quiser — eu digo para o humano. E eu vou matar qualquer outro funcionário dele que se aproxime de mim novamente. É perigoso enviar esse tipo de mensagem para outro vampiro. O que eu disse está muito perto de um desafio, um que eu espero evitar, mas que assim seja. Se eu for obrigada eu vou jogar sobre o gelo fino com Aubrey esta noite. Eu não me importo se o gelo se partir, mesmo sabendo que serei eu a cair.

Eu deixo o humano no degrau da porta e volto para o meu quarto.

CAPÍTULO 8 - 1701

Eu senti a mim mesma morrendo. Lembro-me de ter esperanças de acordar de novo, que de alguma forma eu iria viver, mas depois eu percebi o que isso significaria.

Eu estava morta.

Eu me atirei nas sombras da morte e me perdi.

Os sentidos e as memórias vieram devagar enquanto eu despertava.

Eu me lembro da morte e eu me lembro que tinha sido eu a que estava morrendo, mas eu não lembro quem é esse "eu".

Ao tentar abrir meus olhos, eu vi apenas escuridão. Eu pensei que estava cega e isso me apavorou. Era isso a morte, então? Flutuar para sempre na escuridão, nem mesmo se lembrando de quem você foi?

Com esse pensamento passando por minha mente eu percebi que não estava flutuando. Não. Eu podia sentir um assoalho de madeira embaixo de mim e eu estava encostada contra uma parede que estava fria e lisa como vidro. Eu tateei às cegas ao redor de mim mesma, mas não senti nada. Atrás de mim estava a parede de vidro e na minha frente estava apenas a escuridão.

Eu obriguei-me a ficar de pé. Apesar de todos os meus músculos estarem rígidos, eu fui capaz de ficar em pé após um momento.

Eu senti o meu pulso e não pude encontrá-lo. Eu tentei gritar e percebi que eu não tinha ar em meus pulmões para fazê-lo. Sem pulsação. Nenhuma respiração. Eu fiquei com medo novamente. Eu estava morta, não estava? Se eu não estava, então o que estava acontecendo comigo?

Os humanos respiram quando estão vivos, mesmo quando eles estão dormindo ou inconscientes de sua respiração. Desde que eu acordei eu não tinha respirado nenhuma vez e eu só tinha percebido isso agora.

Finalmente eu tentei puxar uma respiração profunda, mas uma dor forte passou através de meus pulmões. A dor me fez cair de joelhos e em seguida começou lentamente a desaparecer. Por fim cedeu e eu tentei falar, me perguntando se eu seria capaz de ouvir a mim mesma.

São os mortos surdos e mudos?

Eu tentei respirar novamente e a dor não veio tão forte desta vez, então eu usei o fôlego para perguntar a escuridão, "Alguém pode me ouvir?" Eu não recebi nenhuma resposta e eu não queria voltar a perguntar de novo.

Eu tentei ignorar o meu medo, trabalhando a rigidez de meus músculos e me obrigando a tomar outra respiração. A dor quase desapareceu, mas as minhas costelas ainda sentiam dor, como se os músculos ao redor delas não tivessem sido usados por um longo tempo. Eu não sentia necessidade de expirar e eu não ficava tonta quando eu não o fazia. Deixando sair o ar desnecessário eu fiquei maravilhada quando meu corpo não me disse para tomar outra respiração.

Eu tinha os meus sentidos de tato e de audição. Eu podia falar. Eu tinha paladar e o gosto na minha boca era doce e vagamente familiar. Lambi meus lábios e descobri que o gosto estava lá também. Uma memória tentou sair à superfície de minha mente, uma memória de dor e medo. Eu não queria isso, então eu a empurrei de volta.

Eu tentei verificar se eu podia sentir o cheiro de algo na escuridão. Um cheiro diferente ainda flutuava no ar fresco. Mel de abelha? Uma vela, talvez? Eu também podia sentir o cheiro da luz, cheiro de madeira seca e um cheiro ainda mais fraco como o vidro frio. Não me ocorreu que eu não deveria ser capaz de sentir o cheiro do vidro. Nenhum humano poderia.

Sob todos estes cheiros tinha um que eu não conseguia reconhecer, não era realmente um cheiro como os outros, mas algo entre um sabor e uma fragrância que você pode sentir por um momento na brisa. Ou talvez fosse a brisa mesmo, um movimento suave no ar. Eu me concentrei nessa sensação e embora ela não se tornasse mais clara, sua presença foi forte.

Mais tarde eu fiquei sabendo que esse sentimento foi a aura. A aura da morte, minha morte e de um vampiro: Ather, minha mãe imortal do mal, que me deu a vida contra a minha vontade e que matou o meu eu mortal.

Eu tentei caminhar, buscando uma maneira de sair da sala escura na qual eu estava e foi surpreendentemente fácil. A rigidez do meu corpo foi embora e eu me movi suavemente, mais do que isso, era como se eu estivesse flutuando ao invés de andando. A madeira debaixo dos meus pés descalços era suave e fresca.

Eu segui a parede até chegar a um lugar que não era de vidro, uma porta de madeira. Eu a abri lentamente e pisquei para a luz que se derramou dentro do quarto. Virando o meu rosto, eu peguei um vislumbre do quarto onde eu estava. Todas as quatro paredes eram espelhadas e meu reflexo voltou para mim centenas de vezes. Fiquei assombrada. Quem quer que fosse o dono desta casa deveria ser rico para ter tanto vidro em um único lugar. E, no entanto não havia nenhuma janela para deixar o ar ou a luz entrar.

Voltei para o quarto, extasiada pelo meu próprio reflexo mal me reconhecendo. Eu me aproximei da superfície espelhada e estendi uma mão hesitante em direção ao reflexo estranho que aparecia ali. Seu cabelo ainda era o meu cabelo dourado e o seu corpo tinha quase o formato do meu, mas sua forma era mais graciosa e quando ela andava ela parecia deslizar graciosamente. Seus olhos eram negros como a noite, sua pele pálida como a morte.

— Olhe bem, Risika, — uma voz atrás de mim disse. Lembre-se bem, pois logo se desvanece.

Eu girei em direção à voz. Tudo sobre a locutora era negro, dos cabelos e seus olhos até a sua roupa, tudo exceto a sua pele branca antinatural. Meu primeiro pensamento foi bruxa. O pensamento veio de alguma vaga recordação da minha vida passada, embora eu não soubesse o que aquela vida tinha realizado.

Meu pensamento seguinte foi Ather. Lembrei-me dela, eu me lembrei do anel escuro que os seus cabelos formavam em torno de sua pele pálida e eu também me lembrei da sua risada fria.

Um flash de uma cena passou pela minha mente. Mais uma vez eu me lembrei de minha morte, mas agora eu me lembrei de antes disso. Aubrey embainhando a faca que tinha acabado de ter tirado uma vida. Vida de quem? Eu não sabia e não tinha certeza se eu gostaria de saber.

— Por que você me trouxe aqui? — Exigi. O que você fez comigo?

— Venha agora — Ather me disse. Certamente você pode descobrir isso por si mesma. Olhe para o meu reflexo, olhe bem. Então me diga o que eu fiz com você.

Eu obedeci ao seu comando e me virei para o espelho. Eu mal podia ver o seu reflexo. No vidro sua forma era tão fraca que seu cabelo preto parecia fumaça pálida.

— Agora, olhe para o seu próprio reflexo, ela me disse.

Eu fiz. Mais uma vez eu olhei para a figura no espelho, me perguntando se ela poderia realmente ser eu. Eu tinha uma imagem de mim mesma em minha mente e não era a mesma que eu estava vendo, embora muito próxima, mas ainda assim muito errada.

— Quem sou eu? — Eu perguntei, virando-me para ela. Eu realmente não sabia.

— Você não se lembra da sua vida?

— Não. — Ather sorriu quando eu respondi. Um sorriso frio. Se uma cobra pudesse sorrir, seria daquele jeito.

— Foi o que eu pensei — ela respondeu. Infelizmente, sua memória voltará mais tarde, mas por agora... Ela parou de falar com um encolher de ombros, como se isto não importasse.

— Quem sou eu? — Eu voltei a exigir. Responda-me. Eu estava irritada, mas sua indiferença não foi a única razão. Minha mente estava girando desde que eu acordei. A sensação era fraca no início, mas agora as bordas da minha visão estavam começando a ficarem vermelhas.

— Por quê? — ela respondeu. Quem você era já não importa. Agora você é Risika, da linhagem de prata.

— E quem é Risika? — Eu pressionei, tentando ignorar o arrepio doloroso que passou por meu corpo. O que é ela?

— Ela é, você é, um vampiro — Ather me disse. A informação levou um momento para alcançar a minha mente. Eu conhecia as palavras bruxa e diabo, mas esta me era estranha. De algum lugar, de uma lembrança que eu não conseguia ver, eu ouvi alguém dizer: "Há criaturas lá fora, que fariam mal a você se pudessem, simplesmente por maldade."

Certamente Ather era uma dessas criaturas que a voz da minha lembrança falou. E Aubrey, lembrei-me dele também. Mais uma vez eu o vi embainhar a faca, mas ainda não conseguia me lembrar por que ele a tinha desembainhado.

— Você me transformou — eu rosnei.

— Você sabe que eu posso ler a sua mente como um livro? — Ather disse, rindo. Você ainda é jovem, ainda parcialmente humana. Você vai aprender rapidamente a proteger seus pensamentos, talvez até mesmo de mim. Mesmo agora, você é forte. Ele me avisou que você seria. Ele estava com medo que você seria forte demais para mim te controlar?

Eu não disse nada, mal entendendo o que Ather dizia. Minha cabeça girava como se eu tivesse batido em algo e eu estava tendo dificuldade em me concentrar em qualquer coisa.

Ather parou, olhando para mim, e depois sorriu. Quando ela fez, eu pude ver suas presas pálidas e reprimi outro arrepio.

— Venha, criança — ela me disse. Você precisa caçar antes que seu corpo se autodestrua.

Caçar. A palavra enviou medo por mim. Fez-me lembrar dos lobos e dos pumas, animais que espreitavam suas presas na floresta. Sangue caindo pelo chão. Tanto sangue...

Agora eu queria aquele sangue. Eu podia ver a morte vermelha em minha mente. Certamente, o sangue estava quente e doce e... o que estava acontecendo comigo? Esses pensamentos não eram meus, eram?

— Venha, Risika — Ather me agarrou. A dor vai piorar até que se alimente ou enlouqueça por ela.

— Não. — Eu disse a palavra fortemente, sem relutância a despeito da maneira como eu me sentia. Eu estava queimando e havia areia nas minhas veias. Eu pensei em sangue e eu quis isto tanto quanto eu já quis água em um dia muito quente. Eu sabia o que Ather quis dizer quando ela falou em caçar, mas eu não iria matar para aliviar a minha própria dor. Eu não era um animal. Eu era um ser humano...

Pelo menos, eu esperava que eu ainda fosse. O que Ather tinha me feito?

— Risika — ela me disse. Se você não se alimentar, o sangue que eu te dei irá te matar. Ela não estava implorando a mim, ela estava apenas indicando os fatos. Vai levar alguns dias antes que você esteja realmente morta, mas amanhã ao nascer do sol você estará muito fraca para caçar por si mesma e eu me recuso a lhe dar comida na boca. Caçar ou morrer, a escolha é sua.

Eu hesitei, tentando me lembrar. Havia uma razão para que eu não pudesse caçar. Alguém que eu sabia que teria resistido, alguém que eu amava, mas que eu não conseguia me lembrar... Eu não conseguia lembrar. O único motivo que eu podia me lembrar agora, era aquele que tinha sido me ensinado por toda a minha vida pelos padres... assassinato era um pecado.

Mas morrer por minha própria escolha era um pecado também.

Talvez eu já estivesse condenada.

— Criança tola — Ather disse. Olhe para si mesma no espelho e me diga que a sua igreja não a condenaria por aquilo que você é. Você recusaria a vida que eu lhe dei para tentar salvar a alma que teu Deus amaldiçoou?

— Eu não vou vender a minha alma para salvar a minha vida — eu disse, embora em minha mente eu não tivesse tanta certeza. A minha igreja era fria e rigorosa, mas eles temiam a morte da alma, tanto quanto eu temia as chamas do inferno falado. E talvez ela estivesse certa. Talvez já fosse tarde demais.

— Não — eu disse novamente, tentando convencer a mim mesma mais do que a ela. Eu não vou.

— Palavras corajosas — Ather me disse. E se eu lhe dissesse que não importa? Ela estava sussurrando agora, como se isto pudesse colocar as suas palavras em minha mente. E estava funcionando. Você fez um acordo com o diabo quando o seu sangue caiu sobre o meu presente para você.

Na minha mente a cena se desenrolou novamente. Uma rosa negra, os espinhos afiados como as presas de uma víbora. Uma gota de sangue caindo sobre a flor negra quando os espinhos machucaram a minha mão. Olhos negros, olhos parecidos com os de Ather, mas de alguma forma muito mais frios, olhando como uma cobra enquanto o sangue caía. Observando como uma víbora, como os espinhos da rosa, como se eles tivessem me mordido...

Minha mente estava cheia de imagens escuras, pensamentos escuros sobre cobras, bestas caçadoras e de sangue vermelho caindo sobre pétalas negras. Meu coração se encheu de dor, de raiva e ódio do sangue negro que havia me condenado.

CAPÍTULO 9 - ATUALMENTE

Eu escapo das minhas memórias. Eu me amaldição por ter sido tão tola por pensar que eu poderia salvar a minha alma condenada com protestos bobos.

O funcionário de Aubrey saiu correndo de minha casa e eu o senti deixando a minha cidade. Ele teme pela sua vida, com boas razões. Se ele tivesse ficado, eu o teria matado. Ele sabe que eu teria e ele sabe que eu posso cheirar seu o medo.

Eu posso ter sido convertida contra a minha vontade, mas eu não vou mais lutar contra o que eu sou. Não há maior liberdade do que sentir o ar da noite contra o seu rosto enquanto você corre pela floresta, não há maior alegria do que a caçada. O gosto do medo da sua presa, o som de seu coração batendo forte e rápido, os cheiros da noite.

Eu estou nesta pequena cidade, tão perto da morte e quase tão perto da fé que existe na igreja do outro lado da rua, sentindo o medo do humano correndo para longe da minha casa. Pois isto é que eu sou uma caçadora. Eu aprendi há muito tempo que eu não poderia negar esse fato.

Cada instinto me diz para caçar esta criatura assustada. Eu sou uma vampira, apesar de tudo. Mas eu não sou um animal e eu também já fui humana. Isto é o que faz a minha espécie ser perigosa: instintos de um caçador e mente de um ser humano. A forma cruel da humanidade brincar com o mundo, prender os selvagens, caçar irracionalmente os animais silvestres.

Mas eu tenho controle e eu vou deixar este humano viver para levar as notícias para Aubrey, aquele a quem o humano teme mais do que ele teme a mim. Ele é o portador das más notícias e Aubrey não gosta de más notícias.

Eu me recuso a permitir que Aubrey me controle, mas só porque é o comportamento da minha espécie. Eu temo Aubrey tanto como este homem faz, talvez mais, pois eu sei exatamente do que Aubrey é capaz.

Estou inquieta. Apesar do sol nascente, eu estou com vontade de fazer alguma coisa.

Depois de fazer uma rápida verificação, para me certificar de que não há sangue em mim da caça da noite anterior, eu deixo a minha casa. Eu vou andando, em parte porque eu não vou sair de Concord e eu não vou longe, mas principalmente porque eu estou com desejo de mudar.

Às vezes eu visito cafés como o Ambrosia, que servem para os da minha espécie. Mas mais frequentemente eu me torno uma sombra no mundo humano. Vidas humanas, que parecem ser tão complexas para aqueles que as estão vivendo, parecem simples quando se tem trezentos anos de perspectiva.

O café acaba de abrir quando eu passo pela porta.

A garota que trabalha lá é humana, é claro. Seu nome é Alexis e ela tem trabalhado lá durante a maior parte do verão.

— Bom dia, Elizabeth — ela me cumprimenta e eu sorrio de volta. Eu costumo visitar este local no período da manhã. Claro que eu não dei a Alexis o meu nome real, pois eu não me permito me aproximar dos humanos. Eles têm uma tendência a perceber que eu nunca envelheço.

Eu compro café, não porque eu quero cafeína, eu nem mesmo gosto do gosto, mas porque as pessoas vão notar alguém que está sentado em um café, sem nada para beber.

Poucos minutos depois o tráfego pré-trabalho se inicia. Por cerca de meia hora o café fica cheio e eu sento no canto em silêncio, observando as pessoas.

Embora eu tenha me esforçado para me distanciar da sociedade humana, eu gosto de ver os humanos indo para os seus trabalhos.

A diretora de uma escola próxima corre já atrasada para o trabalho, vestida com um terno escuro que a faz parecer ainda mais cansada do que ela realmente esta. Um minuto depois, um homem de meia-idade, abre a porta, parando durante a sua corrida matinal. Duas mulheres tomam o seu café em uma das mesinhas, entrando em uma discussão tranqüila sobre um artigo que uma delas leu em um jornal. Uma adolescente encontra o namorado e depois fica horrorizada quando percebe seu pai entrar no café.

Eu sorrio em silêncio, observando os vários dramas que provavelmente já terão sido esquecidos até a noite.

O trabalho diminui enquanto os clientes vão saindo, muitos se queixando sobre seu destino.

Os humanos são em sua maioria assim. Eles levam as suas vidas trabalhando constantemente, se queixando de tédio em um minuto e no outro de excesso de trabalho. Eles param apenas para cumprir as gentilezas da sociedade, cumprimentando uns aos outros com um "Bom Dia", enquanto suas mentes estão totalmente em outro lugar.

Às vezes me pergunto o que teria sido da minha vida se eu tivesse nascido nesta época moderna. O pecado e o mal já não parecem mais tão importantes como eram há trezentos anos. Eu me pergunto se eu teria ficado tão horrorizada com o que eu me tornei, se eu não tivesse sido criada na igreja com a sempre presente ameaça de condenação eterna?

As duas mulheres no canto que estavam discutindo sobre política, agora se levantam e vão embora juntas, rindo. Eu as vejo com uma ponta de ciúme, sabendo que as suas preocupações estão longe e que apesar de tudo elas sabem que elas ainda são inocentes.

Inocência... Eu me lembro quando a minha inocência morreu.

CAPÍTULO 10 - 1701

Ather me levou de sua casa e eu não vi nenhuma escolha a não ser segui-la. O luar clareou um pouco a minha mente, mas a minha visão ainda estava vermelha nas bordas e a minha cabeça latejava.

Eu não tenho memórias específicas de quem eu fui, mas eu sabia o que era uma cidade e o que era uma casa. E tudo o que eu vi à minha volta estava de alguma forma errado.

A casa de Ather era nas margens de uma floresta escondida da estrada. Depois de um momento eu descobri o que estava me incomodando, toda a casa era pintada de preto com venezianas e a porta da frente na cor branca. Eu tinha um sentimento de inversão, como das missas negras das quais eu tinha sido avisada, onde os seguidores do Diabo falavam a Oração do Senhor de trás para frente. Foi a mesma coisa e muito errado.

— Onde nós estamos? — Eu finalmente perguntei.

— Este lugar não existe — Ather respondeu. Eu fiz uma careta, sem entender. Ela suspirou impaciente com a minha ignorância. Esta cidade é chamada Mayhem. É tão sólida como a cidade que você cresceu, mas a nossa espécie a possui e ninguém de fora sabe que existe. Pare de pensar sobre coisas que você não precisa se preocupar, Risika. Você precisa se alimentar.

— Você precisa se alimentar. — Eu fechei os meus olhos por um instante, tentando afastar a sensação de queimação. Sacudi minha cabeça, mas a dor se recusava a parar. Será que eu precisaria matar para saciá-la? Eu não queria matar, mas eu também não queria morrer, mas eu não queria matar... O que acontece com os amaldiçoados quando eles morrem?

— Não — eu disse novamente, mas dessa vez soou como nada aos meus ouvidos e na minha mente. Pensar era impossível. Eu só sabia que eu não queria matar, mas tudo sobre o que eu conseguia pensar era sangue... sangue vermelho nas pétalas pretas, espinhos e presas como uma víbora...

A dor era intensa, empurrando a minha razão para longe de mim e meus pensamentos não eram mais coerentes. Ather soou tão certa, tão calma.

— Venha, criança — ela disse suavemente. Você pode se alimentar de uma das bruxas à espera da morte, se isso apaziguara a sua consciência. Eles já estão condenados à morte e ao pior.

Um calafrio passou pelo meu corpo e a dor em meus olhos e cabeça cresceram. Minhas mãos estavam dormentes.

Eu não tenho certeza se eu concordei. Eu acredito que talvez eu tenha.

No instante seguinte, eu me encontrei em uma cela escura e fria, com as duas bruxas acusadas. Eu não sei conscientemente como eu cheguei lá, mas parte de mim sabia que Ather usou sua mente para mover nós duas. Ela apareceu ao meu lado um momento mais tarde.

Eu ouvi uma batida que encheu o quarto, levei um instante para perceber que era a pulsação das duas mulheres que estavam na cela conosco. Uma delas tinha gritado quando nos viu e a outra se benzeu. O cheiro de medo foi acentuado e embora eu nunca tenha sentido esse cheiro antes, eu reconheci o aroma da mesma forma que um lobo reconhece.

As bruxas acusadas tentaram se afastar de nós, uma recitando a Oração do Senhor e a outra ainda gritando. Mas a cela era muito pequena para elas irem longe. Eu mal ouvia a oração.

Eu tinha consciência apenas de seus batimentos cardíacos e as pulsações de seus pulsos e garganta. Eu não ouvi mais nada, não vi mais nada. Minha visão estava vermelha e minha cabeça estava girando.

Alimente-se livremente. Eu reconheci a voz de Ather em minha mente. Ela sorriu para mim e eu peguei um relance de suas presas. Distraidamente eu passei a minha língua sobre os meus caninos e percebi que eles eram iguais aos dela - muito acentuados, muito longos, eles não pertenciam a uma boca humana. Eu podia sentir as pontas, malignas como as de uma serpente, pressionando meu lábio inferior.

Eu vi Ather caminhar em direção à mulher que ainda estava gritando, que logo se acalmou e ficou mole, como se ela tivesse adormecido.

Ather puxou para trás a cabeça da mulher, expondo a pulsação em seu pescoço. As presas afiadas de Ather graciosamente romperam a pele da mulher e o cheiro de sangue se espalhou pelo quarto.

Então eu perdi todas as idéias sobre pecado e assassinato.

Eu perdi tudo o que uma vez tinha me feito ser Rachel.

Eu me virei para a outra mulher, cuja oração se tornou um murmúrio.

Eu me alimentei.

Eu saboreei a sua vida enquanto ela fluía em mim. O sangue de Ather tinha sido fresco e cheio da essência da imortalidade.

Esse sangue humano era espesso e quente, fervendo com pura energia e vida. Molha a minha boca seca, diminui a minha febre, eu bebi como ambrosia com poderes curativos.

Flashes de pensamentos vieram para mim, muito rápidos para que eu percebesse a princípio que eles não eram meus. Depois de um momento, eu ganhei mais controle e percebi que os pensamentos eram de minha vítima. Eu vi uma criança humana rindo. A criança chamou a sua mãe para mostrar-lhe uma flor. Eu vi o jantar cozinhando em um forno. Eu vi um casamento. Vi as orações matutinas. Minha mente focada nesta última imagem.

Eu podia ver claramente a mente desta mulher e ela era inocente de qualquer forma de bruxaria. Esse pensamento, mais do que qualquer outro, causou uma completa mudança em mim. Esta mulher tinha sido enviada aqui para morrer como uma bruxa e ela era inocente desse crime. Por que o seu próprio povo a acusou? Quantos mais dos acusados eram inocentes?

Eu tentei me afastar rapidamente, mas eu me movi como se estivesse debaixo da água. Era tão tentador beber por só mais um momento, um momento a mais do que o anterior, apenas um momento mais...

"E não nos deixeis cair em tentação." Eu havia falado estas palavras sem fé tantas vezes. Se a verdadeira convicção estivesse nas minhas orações, as palavras teriam sido recompensadas? Ou será que eu ainda estaria nesta cela deleitando-me com o sangue de uma mulher inocente?

Tudo o que eu sabia naquele momento era que eu não queria matar e ainda assim eu não conseguia me afastar. Mesmo eu ouvindo o seu coração parar e sentindo o seu fluxo de sangue

perder velocidade, mesmo com ela morrendo, era difícil parar de me alimentar. Minha visão voltou enquanto a dela desvanecia-se e eu olhei para a mulher inocente, agora pálida como giz e vazia de sangue.

Ao meu lado Ather lambeu os lábios e deixou cair a sua presa no chão manchado e sujo da cela. Ela parecia tão satisfeita quanto um gatinho com um pote de leite. Fiquei horrorizada, mas não somente por causa da matança. Eu fui incapaz de me afastar, enquanto uma mulher inocente morria, mesmo eu podendo ter salvado sua vida.

— É fácil matar, Risika, — Ather me disse. E a cada vez que você fizer isso, fica ainda mais fácil.

— Não — eu respondi. Quantas vezes eu disse esta palavra durante este dia? Qual o significado que teve? Eu não estava tão certa como eu gostaria de estar.

— Você aprenderá — ela me disse, tomando a mulher de meus braços e soltando-a no chão com a outra inocente. Você é um predador agora e a sobrevivência é a única regra no mundo de um predador.

— Eu não serei uma assassina.

— Você será — disse ela, caminhando atrás de mim. Eu me virei para mantê-la em visão. Ela parecia tão segura e eu me sentia tão insegura.

— Você está acima de um ser humano agora, Risika, acima até mesmo da maioria dos da nossa espécie. Você vai deixá-los decidir por você porque foi assim que os humanos lhe ensinaram?

Eu não respondi, porque eu não poderia fazê-lo sem concordar com ela.

— A lei da selva diz: "Ser forte, ou ser, dominado." A lei do nosso mundo, diz "Ser forte ou ser morto."

— Não é o meu mundo! — Eu gritei. Eu não quero pertencer a este mundo violento de caçadores que se alimentam do sangue de inocentes.

— Sim, é, Risika — Ather insistiu.

— Eu não vou deixar isso acontecer.

— Você não tem escolha, criança.

— Você é malvada. Eu não vou matar, só porque você me diz para fazer.

— Então mate porque é o seu direito. — Ela vociferou cada palavra, impaciente com a minha recusa. Você não é mais humana, Risika. Os humanos são a sua presa. Você nunca sentiu tristeza pelos frangos que você matou para colocar em seu prato. Os animais que você criou para que pudessem ser mortos. As criaturas que você colocou em currais para que você pudesse possuí-los. Por que você deveria se sentir diferente em relação a sua refeição agora?

Ela colocou isto de um modo com o qual eu não podia discordar.

— Mas você não pode simplesmente matar seres humanos. É...

— Maldade? — Ather completou por mim. O mundo é malvado, Risika. Os lobos caçam os retardatários em um grupo de cervos. Os abutres devoram os caídos. As hienas matam os fracos. Os seres humanos matam o que eles temem. Sobreviver e ser forte, ou morrer encurralado por sua presa, tremendo, porque a noite é escura.

CAPÍTULO 11 - ATUALMENTE

Eu saio da loja de café e retorno para a minha casa antes que o sol esteja alto demais para eu estar confortável.

Eu vou para a cama, caio em um sono profundo e acordo naquela noite de muito mau humor.

Eu permito a mim mesma me esconder com medo. Mesmo dizendo que eu não deixarei Aubrey decidir a minha vida, eu deixo ele me manter longe da única coisa neste mundo que ainda pode me trazer alegria:

Tora, minha tigresa. Minha bonita e pura tigresa, que já foi livre um dia e agora está enjaulada.

Aubrey já roubou muito de mim. Eu jurei vingar as vidas que ele tirou, mas eu sempre sou covarde demais para desafiá-lo.

Meu humor está tão escuro quanto os olhos de Aubrey, escuridão sem fim e eu quero lutar. Então eu deliberadamente caço nas terras de Aubrey - o coração da agonizante cidade de New York, onde as ruas são escuras, com sombras projetadas pelo mundo invisível.

Eu vejo outro de minha espécie, um novato, em uma das ruelas. Ela sente a minha força e se esconde, afastando-se na noite.

Ela é fraca e não uma ameaça para a reivindicação de Aubrey sob este canto escuro da cidade, então ele tolera a sua presença. Talvez ele exiba-se ocasionalmente, simplesmente para mantê-la com medo. Mas ele sabe que ela nunca o desafiará. Eu sou irmã de sangue de Aubrey, criada pela mesma mãe da escuridão. Se ele me tolerar eu poderia ser tanto uma ameaça para a sua posição como um mangusto² em um ninho de serpentes. Não porque eu sou mais forte, coisa que eu não sou, mas porque parecerá para os outros de nossa espécie que ele me teme e o seu orgulho é muito forte para permitir isto.

Eu caço e deixo a minha presa morrendo na rua. Talvez seja tolice desafiar Aubrey desta forma, mas eu vivi muito tempo sob a sua sombra e me recuso a continuar assim por mais tempo. Aubrey não me desafia pessoalmente, enquanto eu me alimento e minhas suspeitas crescem.

Onde ele está, eu me pergunto, será que ele não sabe que eu estou aqui? Ou é porque ele simplesmente não se importa? Ele está assim tão confiante de sua reivindicação?

Eu retorno para a minha casa de muito mau-humor, mas quando eu entro em meu quarto, meus pensamentos se congelam.

Eu posso sentir a aura de um de minha espécie, um de minha família, um que eu reconheço muito bem. Aubrey. Aubrey com cabelos pretos e olhos escuros, Aubrey que viu o sangue cair de minha mão e sorriu. Aubrey que riu quando ele matou meu irmão.

Aubrey é o único vampiro que eu conheço que prefere usar uma faca, ao usar a sua mente, dentes ou mãos. Eu toco a cicatriz que eu carrego no meu ombro esquerdo, a cicatriz que me foi dada poucos dias depois de eu morrer, criada pela mesma lâmina que tirou a vida do meu irmão. A cicatriz que eu jurei, no dia em que foi feita, vingar, junto com a morte de meu irmão.

² O mangusto é um dos poucos animais que comem carne de serpente

CAPÍTULO 12 - 1701

Após o dia em que eu perdi a minha alma mortal, eu nunca voltei para a minha casa antiga. Eu entendi que eu já não mais pertencia ali. Eu odiei pensar no que o meu pai estava passando, mas eu odiava ainda mais a idéia dele descobrindo o que eu havia me tornado. Eu queria que ele acreditasse que eu estava morta, porque era melhor para ele pensar que eu tinha simplesmente desaparecido do que saber que ele tinha perdido a sua filha para um demônio.

Eu me alimentei dos monstros de verdade - um dos muitos "caçadores de bruxas", que interrogavam e prendiam as pessoas acusadas de bruxaria, buscando culpa onde ela não existia.

Como os humanos podem fazer tais coisas aos seus companheiros está além do meu entendimento. Eles torturam, mutilam e matam sua própria espécie, dizendo que é vontade de Deus.

Eu já não tento mais compreender os caminhos da humanidade. Claro, talvez eu esteja sendo hipócrita.

Minha espécie é freqüentemente tão cruel para nós mesmos, quanto os humanos são para si próprios. Nós somos simplesmente mais diretos. Nós não precisamos de ninguém para culpar por nossa violência. Se eu matar Aubrey, vou fazê-lo porque eu o odeio, não porque ele é mau, ou porque ele mata, ou por qualquer outra razão moral. Vou fazer isso porque eu quero fazê-lo, ou não farei porque eu não quero.

Ou eu não farei isto porque ele me mataria primeiro, que é no final o que eu espero.

Logo após eu ter sido transformada, eu fui até as montanhas Apalaches por um tempo. Eu tinha escutado sobre elas, embora eu nunca as tivesse visto antes. Foi incrível estar nas montanhas durante a noite. Eu era uma jovem, sozinha no deserto. Se eu ainda fosse humana, tal coisa nunca teria sido permitida. Eu deitava nas copas das árvores, ouvindo a floresta e pensando em nada.

— Ather está procurando por você — alguém me disse e eu saltei para o chão. Minha presa estava em baixo da árvore. Eu o tinha levado a este lugar usando a minha mente antes de me alimentar, para evitar interrupções.

Caminhei em direção à voz. Era Aubrey.

— Diga a Ather que eu não quero vê-la — eu disse a ele.

Aubrey estava vestido de forma diferente, desde que eu o vira pela última vez e já não podia ser confundido com um ser humano normal. Ele tinha uma víbora verde pintado na mão esquerda e usava em volta do pescoço uma corrente de ouro fino com um pingente de cruz de prata. A cruz estava de cabeça para baixo.

Ele segurou a faca em sua mão esquerda. A prata foi limpa, afiada e era tão letal quanto as suas presas brancas, que por enquanto, estavam ocultas.

— Diga você mesmo para Ather. Eu não sou seu garoto de recados — ele sussurrou para mim.

— Não, você somente recebe ordens de Ather, como um cãozinho de estimação bem comportado.

— Ninguém me dá ordens, criança.

— Exceto Ather — retruquei. Ela manda e você pula. Ou procura, ou assassina.

— Nem sempre... Eu só não gostava do seu irmão — Aubrey respondeu, rindo. Aubrey sorria somente quando ele estava com vontade de destruir. Eu queria arrancar cada dente daquele sorriso e deixá-lo morrendo na sujeira.

— Você ri? — Eu pergunto. Você matou meu irmão, e você ri disso?

Ele riu novamente em resposta.

— Quem era aquele cadáver no chão atrás de você, Risika? — ele zombou. Você se incomodou de perguntar? Quem o amava? Para quem ele era um irmão? Você andou em cima de seu corpo sem um cuidado sequer. Sob o corpo - sem respeito, Risika. Você deixaria o corpo aqui, sem nem mesmo uma oração, para os urubus comerem. Quem é o monstro agora, Risika?

Suas palavras machucaram e eu imediatamente tentei defender minhas ações. — Ele...

— Ele mereceu isto? — Aubrey terminou por mim. Você é Deus agora, Risika, decidindo quem vive e quem morre? O mundo tem dentes e garras, Risika, você é ou o predador ou a presa. Ninguém merece morrer mais que aqueles que merecem viver. O fraco morre, o forte sobrevive. Não existe nada mais. Seu irmão era um dos fracos. É culpa dele mesmo se ele está morto.

Eu bato nele. Eu era uma jovem a quem não tinham ensinado a lutar, mas naquele momento eu era pura fúria. Eu bato forte o suficiente para fazê-lo virar o rosto e enviá-lo tropeçando para trás. Ele endireitou-se, o último traço de humor sumindo de seu rosto.

— Cuidado, Risika. — Sua voz era glacial, uma voz feita para enviar calafrios através dos corações mais valentes, mas eu estava muito brava para notar.

— Não fale do meu irmão deste modo. — Minha voz aumentou com ira, as minhas mãos abrindo e fechando. Nunca.

— Ou o que? — Ele perguntou. Sua voz ficou mais escura, mais fria e ele estava tão imóvel quanto uma pedra. Eu podia sentir a sua ira me cobrindo como um cobertor. Eu soube naquele instante que se alguém já tinha ameaçado Aubrey, eles não estavam mais vivos para contar.

Existi uma primeira vez para tudo.

— Eu enfiarei aquela lâmina através de seu coração e você nunca falará novamente — eu respondi.

Ele atirou a faca ao chão de forma que aterrissou a um centímetro dos meus pés, sua lâmina enfiada no chão.

— Tente.

Ajoelhei-me devagar e com cautela para pegar a faca, sem tirar os meus olhos de Aubrey, que estava assistindo em um silêncio gélido. Eu não sabia o que ele ia fazer, mas eu sabia que ele não iria simplesmente me deixar matá-lo. No entanto, ele ainda estava ali em silêncio com um tom levemente zombeteiro em sua expressão e não fazendo nada.

— Então, Risika? — ele iniciou. Você disse que faria, então faça. Você tem a faca. Eu estou indefeso. Mate-me.

Se eu tivesse matado ele, então... Se eu tivesse sido capaz de matá-lo, então...

— Você não pode — disse ele, por fim, quando eu não me mexi. Você não pode me matar enquanto eu estou indefeso, porque você ainda pensa como um humano. Saiba Risika que não é assim que o mundo funciona.

Ele agarrou meu pulso com uma mão e minha garganta com a outra. A faca foi inútil.

— Ather fala sobre você como se você fosse tão forte. Você é tão fraca quanto o seu irmão.

Eu nunca tinha aprendido nenhuma habilidade de combate. Eu nunca tinha praticado a violência. Mas a sobrevivência é o nome do jogo e o corpo toca suas raízes mortas há muito tempo. Você se adapta, porque se você não puder você está morto. Eu me adaptei.

Eu torci meu pulso retirando-o do aperto de Aubrey, usando a minha mão livre para afastar a mão que me segurou. A faca caiu esquecida. Meu pulso estava quebrado, mas eu sentia pouca dor - a tolerância de um vampiro para a dor é grande e o machucado estava curando rápido.

Eu senti uma sensação de queimação e falhei em ver o próximo ataque de Aubrey. Ele atacou, jogando-me sobre as raízes das árvores e me derrubando no chão. Eu chutei o seu joelho com toda a minha força, quebrando-o. Ele chiava de dor e raiva, caindo no chão. Eu comecei a me levantar, mas dor passou pelos meus braços e costas.

Uma luta entre dois vampiros pode parecer física, mas quando eles são tão fortes quanto os da minha linhagem são, a maior parte do dano é feito com a mente. Um vampiro forte pode atingir com sua mente e matar um humano sem sequer tocá-lo. É mais difícil matar outro vampiro, mas os lutadores ainda podem distrair e desabilitar o outro. Eu era jovem e não sabia como lutar dessa maneira. Eu estava no chão e não podia me levantar por causa da dor.

Aubrey estava lá em um instante. Ele colocou uma mão no meu pescoço, prendendo-me de costas no chão. Mesmo ferido, ele era muito mais forte do que eu.

Ele tinha recuperado a faca e prendeu-a contra a minha garganta.

— Lembre-se disto, Risika — Eu não tenho amor por você. Eu acho que você é fraca e eu não ligo para sua moral. Se você me desafiar novamente, você vai perder.

Eu cuspi em seu rosto. Ele apertou a faca a partir do meu ombro esquerdo, até o centro da minha garganta e do intervalo entre as duas clavículas, até o centro do meu braço esquerdo. Eu ofeguei. Queimava como fogo e feria mais do que qualquer coisa que eu já havia sentido.

A maioria das lâminas humanas não deixam cicatrizes na nossa espécie, mas a lâmina de Aubrey não era uma lâmina humana comum. Mágica, por falta de uma palavra melhor, era forjada em prata pura. Eu soube mais tarde que Aubrey tinha tirado esta lâmina de um caçador de vampiros, durante seu terceiro ano como um vampiro. O seu proprietário original tinha sido criado como um caçador de vampiros, mas mesmo assim ele tinha perdido para Aubrey.

Aubrey desapareceu enquanto eu estava deitada no chão, sentindo dor. Se a lâmina tivesse sido da prata usada pelos humanos, a ferida teria se curado em momentos, em vez disso levou algum tempo para o meu corpo conseguir até mesmo obter controle sobre a dor.

Uma vez que a dor alucinante havia diminuído para simplesmente insuportável, eu sentei-me devagar, cautelosamente traçando a ferida. O sangramento já havia parado, mas a ferida não fecharia completamente até depois de eu me alimentar novamente. E deixou uma cicatriz. Minha pele já era tão pálida que a cicatriz mostrou-se apenas como um ponto fraco de cor perolada, mas eu sabia onde estava e pude vê-la facilmente.

De alguma forma, embora eu não soubesse como, um dia, embora eu não soubesse quando, eu iria me vingar por aquela cicatriz e tudo o que ela representava: a morte de Alexander, a morte da minha fé na humanidade e a morte de Rachel, inocente Rachel, humana e repleta de ilusões.

Minha espécie pode viver para sempre. Eu teria muito tempo e muitas oportunidades, para manter esse voto.

CAPÍTULO 13 - ATUALMENTE

Eu fui tola por atacá-lo daquela vez e estou sendo igualmente tola por provocá-lo agora, mas eu não tenho outra escolha. Recuso-me a rastejar e deixar Aubrey ser rei, sem nunca desafiá-lo.

Eu posso sentir sua aura na sala, mas não posso vê-lo e ele ainda não falou.

Onde você está Aubrey? Pergunto-lhe, com minha mente. Por que você se esconde de mim?

Eu ouço seu riso provocador em minha cabeça, é uma voz que eu odeio com toda a minha mente, todas as minhas forças, e toda a minha alma. Ele diz apenas quatro palavras, nem mesmo uma frase.

Uma linha de um poema.

Tigre! Tigre! Arde brilhante...

Eu grito, o grito da águia, o grito de caça do falcão, o grito furioso de um animal enjaulado e eu ouço Aubrey rir em minha mente. Eu sei onde ele estava enquanto eu estava caçado em suas terras.

Enquanto ele ria, eu mudo minha forma para a de um falcão dourado que voa daquele quarto em sua ira animal e aterrissa dentro da gaiola do tigre no jardim zoológico. A placa "Panthera tigris tigris", caiu e a sua haste de madeira está partida em dois como um galho. As barras de metal da jaula do tigre estão dobradas. O guarda está deitado no chão, pálido e imóvel.

Eu não me importo sobre o guarda ou sobre a placa, apenas com Tora, a única criatura que eu amei desde a morte de Alexander. Tora, que está deitada de lado, as patas amarradas e com uma faca em seu coração. Ela nasceu livre e merecia viver assim. Em vez disso, ela vivia em uma jaula e foi morta, amarrada e indefesa. Isto mais do que tudo me fez sentir como se a faca fosse plantada em meu próprio coração ao invés do dela.

Eu mudo de volta à minha forma habitual e arranco a faca dela, gritando silenciosamente de raiva e tristeza. Rasgando as cordas que amarram suas patas, eu lamento por cada pêlo dourado que caiu dela e por cada pêlo negro que perdeu para sempre o seu brilho. Eu choro - chorar, coisa que eu não fiz nem mesmo quando eu perdi o meu irmão e a minha vida. Eu choro até meus pensamentos se tornarem escuros e as minhas lágrimas secarem.

O amor é a emoção mais forte que qualquer criatura pode sentir, exceto pelo ódio, mas o ódio não pode te machucar. Amor, confiança, amizade e todas as outras emoções que os humanos valorizam tanto, são as únicas emoções que podem trazer dor. Somente o amor pode quebrar um coração em tantos pedaços.

A maior dor que eu já senti veio do amor. Eu amei Alexander e cada machucado que ele recebeu parecia refletir em mim. Sua morte arrancou o meu coração, deixando-o a sangrar até secar e agora, Aubrey usou o meu amor por Tora para enfiar a lâmina mais profundamente.

Eu aprendi que é por isso, que os vampiros mais fortes mantêm todas estas emoções sobre controle: porque eles são fracos e se você tem pontos fracos você pode ser derrotado como todos os outros.

Perto do amanhecer eu levantei minha cabeça, meus longos cabelos misturados com os pêlos de cor ouro de Tora. Eu não penso, mas adiciono listras pretas ao meu próprio cabelo cor ouro de tigre.

— Olhe minha linda — eu sussurro. Eu roubei suas listras. Eu vou usá-las para que a sua beleza não seja esquecida. Minha tigresa, minha Tora, minha linda. Eu não vou permitir que este crime fique impune. Meus olhos estão secos, mas brilham com raiva e determinação. Eu vou me certificar de que ele esteja realmente morto antes dele tomar outra vida que eu amo.

Eu estou focada em Tora e não ouço alguém se aproximar de mim. No entanto, eu sinto uma lufada de ar contra o meu cabelo, a aura de algum visitante. Minha cabeça se vira, mas eu não vejo ninguém. Quem estava lá se foi, deixando nada além de um pedaço de papel próximo a minha mão.

Eu pego o papel, os meus olhos se prendendo no nome que está rabiscado ao longo do topo em tinta preta: Rachel. Eu não posso ler as palavras que estão abaixo, pois ficaram manchadas onde água caiu na tinta. Não é água - eu penso, percebendo o quão forte a aura está misturada no bilhete - lágrimas.

Fico olhando para o nome por um momento, depois amasso a nota em minha mão, um tremor de raiva passa por mim, por esta criatura que se atreve a insultar-me assim. Eu não reconheço a aura no papel, então eu não sei quem a enviou.

— Rachel está morta — eu digo em voz alta. Eu não sou Rachel, ela morreu há trezentos anos.

As lágrimas contidas no papel, a quem pertencem? Que humano soube sobre Rachel e ficou tão emocionado pela sua história que acabou me mandando isso? Ou isto é uma piada de mau gosto de Aubrey, outra forma de machucar meu coração?

— Eu não quero os seus jogos! Eu gritei. Se a pessoa que deixou esta nota ainda estiver perto, deixe ele me enfrentar.

Ninguém responde.

CAPÍTULO 14 - ATUALMENTE

Meu passado e meu presente foram combinados para me insultar. Tremendo de raiva e pesar eu retorno para Ambrosia. Eu olho ao redor do quarto, procurando por Aubrey. Eu não o vejo.

Eu venho a este lugar procurando diversão. O fantasma de Rachel não pode me seguir aqui.

Eu vejo minha imagem refletida em um espelho de cristal que alguém deixou em uma parede. Meu reflexo é de aparência nublada, mas eu posso ver no meu cabelo os pelos de Tora, eu começo a rir. Isto é algo que Aubrey nunca vai tirar de mim.

Neste momento eu me sinto exatamente como o que eu sou: uma criança selvagem da escuridão. Uma sombra perigosa em estado de espírito para criar problemas.

Eu olho em volta da sala novamente. Sorrindo, eu coloco para trás o meu cabelo com mechas de tigre e me sento em cima do balcão. A garota por trás do balcão, uma jovem principiante, abre a boca como se quisesse me mandar descer, mas depois pensa melhor.

— O que você vê Tigre? — Alguém me pergunta e eu me viro para ele. Você olha para este lugar como se você o visse de maneira diferente de todos nós. O que você vê?

Eu o reconheço e sei que ele me reconheceu também. Ele é o irmão de sangue de Ather, Jager. As pessoas dizem que ele trata toda a vida como um jogo que deve ser jogado - um jogo cruel e mortal que quem estiver ganhando faz as regras.

Jager parece ter dezoito anos, com pele escura e cabelo castanho escuro. Seus olhos são verde-esmeralda e eles refletem a luz como um gato. Eu sei que é a mesma ilusão do meu cabelo. Todos os vampiros têm os olhos negros e Jager tinha olhos escuros, mesmo quando ele estava vivo - ele nasceu há quase cinco mil anos atrás, no Egito e viu a ascensão das grandes pirâmides.

— Eu vejo alguém que não mostra seus verdadeiros olhos — eu observo. O que você vê?

— Eu vejo que as minhas advertências para Ather e Aubrey eram justificadas — ele responde.

— Foi você quem avisou Ather de que eu seria forte?

— Fui eu quem avisou Ather de que você seria mais forte do que ela.

Ele se senta no balcão ao meu lado e a menina atrás dele sai, movendo-se para uma mesa do outro lado da sala.

— Ather é fraca — comento. É uma de suas falhas. Ela muda aqueles que serão mais fortes do que ela, porque isto faz com que os outros pensem que ela tem mais poder do que ela realmente tem.

— Ela não é a única de quem você é mais forte, Risika — ele responde. Aubrey não é contestado muitas vezes, porque as pessoas sabem que ele é poderoso e eles têm medo dele. Ele tem medo dele, embora ele não seja muito mais forte do que você é.

— Oh, sério? — Eu pergunto, não acreditando nele. Então nós devemos estar falando de um Aubrey diferente, porque pelo o que eu sei, eu perdi da última vez em que eu lutei com Aubrey.

— Você pode esconder essa cicatriz com um pensamento. Você tem o poder para fazer isso diz Jager, mudando de assunto.

— Eu posso — eu respondo. Mas eu não faço.

— Você usa isto como um aviso, um sinal de que você irá se vingar.

— Eu vou vingar mais do que esta cicatriz, Jager.

— Quando? — ele pressiona. Você vai esperar por ele para começar a dança? Ou você vai iniciá-la você mesma?

— Eu prefiro matar em silêncio. —Jager olha para mim e sorri.

— Feliz caçada, Risika. — Um instante depois ele se foi.

Eu deito no balcão, pensando em suas palavras e então eu também vou embora. Nós somos fantasmas da noite, indo e vindo da cidade escura como sombras na luz de velas.

Volto para minha casa rapidamente, meu humor agora imparcial, não me incomodando com a complexidade da vingança. Eu olho pela janela da frente, observando os poucos que também estão retornando para a cama com o nascer do sol.

Uma das outras sombras de Concord entra na casa, um bruxo, mas apenas por herança, já que ele não é treinado. Ele não é uma ameaça para mim.

Vejo também Jessica, a jovem escritora da cidade de Concord, olhando para fora de sua janela. Jessica escreve sobre vampiros e seus livros são verdadeiros, embora ninguém entenda como ela sabe dessas coisas. Eu me pergunto se devo contar-lhe minha história, talvez ela possa escrevê-la para mim. Talvez seja a minha história, que ela escreve agora.

Eu vou para o andar de cima e caio na cama em um sono vampiresco.

Meus sonhos são as minhas memórias do passado. Eu sonho com meus anos de inocência, enquanto eu ainda lutava pelo o que eu era.

CAPÍTULO 15 - 1704

Eu não retornei para minha casa por três anos e quando eu finalmente o fiz, ninguém me viu.

Era quase meia noite quando parei em Concord, o que foi intencional. Eu não quis esbarrar em nenhum humano.

Eu não queria ser reconhecida, é claro, mas mais do que tudo eu não tinha certeza se eu poderia me controlar. A última vez que eu havia me alimentado foi a duas noites atrás, de um ladrão que teve o azar de me atacar enquanto eu vagava pelas ruas escuras. A sede me atingiu violentamente.

Eu me consolava dizendo que eu só matava quem merecia, mas as palavras de Aubrey sempre ecoavam em minha mente: *Você é deus agora, Risika, decidindo quem deve viver e quem deve morrer?* Ladrões e assassinos me sustentam. Eu me alimento somente o necessário para sobreviver, a fome sempre estava próxima.

Eu parei do lado de fora da casa, na qual uma vez eu tinha vivido, à beira do poço, observando a casa como um fantasma, capaz de ver e ouvir, mas incapaz de fazer qualquer outra coisa.

Será que ele me reconheceria? Os três anos mudaram-me. Minha pele estava mais branca e meu cabelo dourado estava embaraçado, não tendo visto um pente a um bom tempo. Eu usava roupas masculinas, tendo perdido a paciência com vestidos longos enquanto eu explorava as florestas, montanhas e rios do meu país.

É claro que eu poderia ter caminhado até a porta e perguntado ao meu pai se ele sabia quem eu era, mas eu não faria isso. Ele só sofreria ainda mais, quando eu tivesse que ir novamente. Eu não o deixaria saber o que eu havia me tornado.

Lynette estava dormindo em seu quarto, mas meu pai estava acordado e chorando. Ele olhou pela janela e embora eu soubesse que ele estava olhando na minha direção, ele não podia me ver. Eu tinha aprendido como proteger a minha existência dos olhos de mortais.

As lágrimas de seu rosto enviaram punhais para o meu coração. Eu tive uma poderosa visão de Aubrey e Ather mortos, comigo viva por cima deles. Será que alguém iria chorar, se eles fossem mortos? Eu penso que não, mas eu nunca teria a oportunidade de saber. Aubrey tinha provado além de qualquer dúvida que eu não seria aquela que lhe daria a morte.

Uma mulher desceu as escadas atrás do meu pai. Seu cabelo escuro estava amarrado para trás, e mesmo a esta distância eu podia ver que os seus olhos eram castanhos chocolate. Sua pele não era tão clara como a da minha mãe tinha sido. Quando ela colocou uma mão no ombro de meu pai, eu pude ver que ela não tinha as mãos graciosas de artista, mãos que o meu pai sempre dizia que a minha mãe tinha.

— Peter, já é tarde. Você precisa dormir.

Meu pai se virou para ela e lhe deu um sorriso fraco. Por um instante eu senti uma necessidade irracional de ir lá dentro e chocalhar essa mulher. Eu já tinha visto os pensamentos de meu pai e eu sabia sem sombra de dúvida que esta estranha era sua esposa. Seu nome era Katherine. Será que ele casou com ela tentando nos substituir? Ela sabe sobre Alexander e eu? Será que ela se importa?

Essas pessoas já não eram a minha família, pelo que eu sabia. Mas eu não podia deixar de odiar essa mulher por tentar tomar o meu lugar.

— Ciúmes? — Alguém disse sobre o meu ombro e eu me virei em direção a Aubrey, sabendo que meus olhos estavam estreitos de ódio. Se ela te incomoda tanto assim, então a mate.

— Tenho certeza de que você gostaria disto — eu respondi. Ele riu.

— Você tem moral demais.

— E você não tem nenhuma — eu rebati, tentando não bater nele. Eu me recusava a sair enquanto ele estava aqui, a sua atenção sobre o meu pai e esta mulher inocente.

Mulher inocente... estranho, como a minha opinião mudou tão rapidamente. Assim que Aubrey sugeriu que eu deveria matá-la, senti a necessidade de protegê-la.

— Eu tenho alguma moral, eu acho — ele argumentou com voz calma. Ele não tinha se ofendido com a acusação. Mas nada que interfira com a minha forma de sobreviver. Olhe para si mesma, Risika, você mal consegue pregar os benefícios da moralidade.

Embora eu não me odeie por matar para sobreviver, eu temia que eu um dia pudesse me tornar tão indiferente ao assassinato como Aubrey era.

— Se você veio aqui para me convencer a abandonar a minha moral, você está desperdiçando seu tempo — eu disse.

— Você dificilmente seria o meu único motivo para estar aqui — ele respondeu preguiçosamente.

Meu pai e sua esposa decidiram pegar um ar e agora estavam sentados na varanda de trás, discutindo calmamente como a fazenda estava indo, os pretendentes de Lynette e tudo o mais, exceto a razão pela qual o meu pai tinha estado chorando.

Como se ele pudesse sentir meu olhar sobre ele, meu pai se virou para mim, mas desta vez os seus olhos se alargaram, como se ele pudesse me ver, apesar de meus esforços.

De pé, ele deu um passo na minha direção antes de sua esposa pôr a mão em seu braço.

— Não há ninguém lá, Peter — ela insistiu e meu pai suspirou.

— Eu poderia jurar que a vi... — Ele balançou a cabeça, tomando uma profunda respiração.

— Você podia jurar que a viu há poucos dias atrás, mas ela não estava lá. Você pensou que viu seu filho na semana anterior, mas ele não estava lá. Eles nunca estão Peter, e nunca estarão. Deixe-os ir.

Meu pai virou-se e foi para dentro de casa. Katherine fechou os olhos por um momento e murmurou uma prece.

Por que ela não o ajudou? Ela estava tão cega que não podia ver o quanto suas palavras o tinham machucado?

Aubrey riu ao meu lado.

— Você está com ciúmes.

Eu rosno para ele outra vez, perdendo a paciência.

— Você poderia ir para outro lugar?

— Eu posso — disse ele. Mas isso é mais divertido.

— Dane-se.

Ele deu de ombros e olhou através de mim para a esposa do meu pai, que tinha acabado de ficar de pé e se movia em direção a casa.

Ela hesitou, então se virou lentamente, sentindo os olhos em sua costas.

— A deixe em paz, Aubrey — eu ordenei.

— Por quê?

Katherine olhou para cima como se tivesse ouvido um som e em seguida caminhou em nossa direção, mas eu poderia garantir que ela realmente não via Aubrey ou a mim.

Eu cerrei os punhos, sabendo que ele estava me atormentando, pois eu sabia muito bem que se ele se fixasse em matar a esta mulher, não havia maneira de eu pará-lo.

Katherine parou ofegante quando Aubrey parou de se esconder dela. Ela congelou, os olhos arregalados.

— Certo, Aubrey, você provou o seu ponto. — Eu vociferei, ficando entre ele e sua presa.

— Agora vá embora.

— E que ponto seria este? — ele perguntou. Eu não compartilho suas reservas, Risika. Eu caço quando eu desejo como eu sempre fiz.

— Caçe em outro lugar — eu disse. Seus olhos se estreitaram.

— Quem... O que você quer? — Katherine gaguejou, se afastando de nós. Ela estava respirando rapidamente e seu coração batia rápido de medo.

Aubrey desapareceu de onde estava e reapareceu atrás dela. Katharine tropeçou nele e soltou um suspiro.

Aubrey sussurrou em seu ouvido e ela relaxou. Então ele estendeu a mão e puxou suavemente a cabeça dela para trás, expondo-lhe a garganta...

CAPÍTULO 16 - ATUALMENTE

Eu acordei, instantaneamente alerta. Há alguém na casa, no quarto.

Eu me levanto da minha cama.

— Por que você se esconde, Aubrey? — Pergunto à escuridão. Você finalmente tem medo de mim? Você tem medo de me desafiar de novo e perder? Eu sei que este não é o medo de Aubrey, mas meu humor está para provocação, assim como eu sei que ele também está.

Há praticamente um único insulto que garante a resposta de um vampiro: acusá-lo de ter medo.

— Eu nunca vou te temer, Risika — responde Aubrey enquanto a sua forma sai das sombras do quarto.

— Você deveria — eu respondo. Os poderes vampírescos ganham forças com emoções fortes como o ódio, raiva e amor. Aubrey traz todas estas emoções para a superfície da minha mente.

Apesar do meu ódio, se eu lutar com ele eu vou perder. Esta é uma lição que eu aprendi muito bem anos atrás. Aubrey é mais velho, mais forte e muito mais cruel.

Porém, por enquanto, ele se encontra contra a parede, jogando a sua faca para o ar. Arremessa, pega. Para cima, para baixo. Os reflexos da luz fraca caem sobre a lâmina de prata e em minha mente eu tenho uma visão repentina de Aubrey perdendo a faca e cortando o pulso.

Ele modernizou o seu estilo desde 1700. Agora ele veste jeans preto inserido em botas pretas, uma camisa vermelha apertada que mostra os músculos do seu peito e uma coleira de metal. A serpente verde foi substituída pela serpente do mundo da mitologia nórdica, que desempenhou um papel na destruição do mundo. Em seu braço está a Echidna grega, mãe de todos os monstros e em seu pulso direito o monstro nórdico Fenris, o lobo gigante que engoliu o sol.

Eu me pergunto o que Aubrey vai fazer quando ele ficar entediado com esses desenhos. Talvez cortá-los fora com uma faca comum. Sua carne se curaria em questão de segundos. Talvez eu pudesse me voluntariar para ajudá-lo... Ninguém se importaria se eu "acidentalmente" cortasse o seu coração no processo.

— Por que você está aqui, Aubrey? — Eu finalmente pergunto, não estando disposta a esperar ele falar.

— Eu só vim aqui para oferecer minhas condolências pela morte de seu pobre e frágil gatinho.

Meu corpo congela, com raiva. Aubrey sabe como me machucar e como me fazer perder a paciência. Ele já fez isso antes.

Eu começo a me mover em sua direção, para acertá-lo, para machucá-lo tanto quanto eu estou machucada.

— Cuidado, Risika — ele diz. Apenas duas palavras, mas eu paro. Lembre-se do que aconteceu da última vez que você me desafiou.

— Eu me lembro — eu resmungo. Minha voz está muito pesada de dor e raiva. Eu lembro, me lembro muito bem.

— Você ainda tem a cicatriz, Risika. Eu posso vê-la daqui.

— Eu não me esqueci, Aubrey — eu respondi. Ele estava com a mesma cara que ele tinha tido então: indiferente, frio, um pouco divertido com um pouco de zombaria. Ele sabe o que Tora significou para mim e eu sei que ele me visitou para tentar me forçar a atacá-lo novamente.

Eu me pergunto que tipo de vida transformou Aubrey no que ele é. Um psicólogo adoraria analisá-lo. Aubrey sabe exatamente o que dizer para fazer aquele ao seu redor chorar, rir, implorar, odiar, amar, temer ou qualquer outra coisa que ele desejar. Tenho visto homens corajosos correrem com medo e caçadores de vampiros se virarem contra eles mesmos, tudo por causa de Aubrey.

Ele é muito mais forte do que Ather, fisicamente, mentalmente e emocionalmente. Como eu disse, a maior falha de Ather é que ela muda pessoas que são fortes, pessoas que serão mais fortes do que ela. Ela faz isto porque, embora outros de nossa espécie possam desafiá-la sozinha, eles assumem que seus “filhos” iriam se vingar do ataque.

Eu posso nunca entender porque Ather decidiu que Rachel era um humano que merecia a sua atenção, mas eu não odeio a minha mãe de sangue. Ela foi quem me arrancou da minha vida humana, mas ela também foi a única que me obrigou a olhar para as trevas da humanidade. Se não fosse por ela, eu teria vivido e morrido como presa e nada mais.

Apesar disto eu não levantaria um dedo para defender a minha mãe de sangue e eu não saio do meu caminho para atacá-la.

Aubrey, por outro lado... Trezentos longos anos atrás eu sabia que Aubrey era mais forte do que eu, na verdade eu lutei com ele e perdi. Eu temo o que vai acontecer se nós lutarmos novamente. Ele me provoca toda vez que nós nos encontramos, sabendo bem que tenho medo dele. Eu o odeio ainda mais por causa deste medo e ele sabe disto também.

Ele ainda está esperando a minha resposta à sua provocação.

— Considerando que você matou Tora, suas condolências não valem muita coisa — digo a ele.

Ele levanta suas sobrancelhas interrogativamente.

— Não me olhe assim. Eu pude sentir a sua aura lá e eu posso cheirar o sangue dela em você.

Aubrey apenas ri.

— Saia da minha casa, Aubrey — Eu rosno. Eu não desejo lutar com ele. Eu só quero que ele se vá.

— Você não parece disposta a ter companhia — ele comenta. Eu passo aqui mais tarde, Risika.

Eu ouço a ameaça implícita, mas não tenho chance de responder antes que ele desapareça. Ele conseguiu o que ele veio fazer aqui, então ele não tinha mais nenhuma razão para ficar.

Lembro-me de meu sonho da noite anterior e minha mente retorna ao sonho, minha raiva de Aubrey obrigando-me a lembrar do resto.

Ele não matou Katherine. Ele só matou o resto do que poderia ter sido a minha alma.

CAPÍTULO 17 - 1704

Eu recusei-me a assistir ele matá-la. Ignorando as consequências, eu pulei em Aubrey, jogando-o longe de Katherine. A mulher tropeçou, caindo no chão, ainda hipnotizada. Aubrey virou e agarrou meu braço, me jogando no chão também. Eu não tentei ficar de pé imediatamente. Eu não queria lutar com ele novamente, porque eu sabia que se eu perdesse, ele me mataria.

— Você nunca aprende, não é? — ele falou. Fique de pé, Risika.

Eu me levantei devagar, olhando para ele com desconfiança, mas ele só puxou Katherine pelo pé.

Quando ela caiu, ela rasgou a mão em um arbusto e eu tive que virar minha cabeça para longe dela, o meu já vacilante autocontrole enfraquecido pelo cheiro de sangue.

Mais uma vez, Aubrey puxou sua cabeça para trás e desta vez o meu olhar estava na garganta dela, rebitada pelo sangue que fluía logo abaixo da superfície. Eu hesitei um instante, durante o qual Aubrey se inclinou para frente. Ele não mostrou nenhuma relutância enquanto suas presas perfuraram a garganta dela.

— A deixe ir, Aubrey — eu de alguma maneira consegui rosnar, lutando contra a sede de sangue que estava tentando me convencer a me alimentar.

Ele olhou para cima e seus olhos escuros encontraram os meus por um momento, ele lambeu o sangue de seus lábios, um sorriso malicioso espalhado pelo rosto.

— Você realmente quer que eu pare?

— Sim — eu retruquei.

— Aqui. — Ele empurrou a mulher para os meus braços e em seguida, desapareceu.

Eu tropecei, chocada, mas quando me recuperei, encontrei-me segurando suavemente a mulher inconsciente.

Sua mão sangrando estava descansando em meu braço, eu podia sentir seu pulso pulsando contra a minha pele. Uma linha fina de sangue escorria de sua garganta e antes mesmo de eu perceber o que eu estava fazendo, eu tinha lambido o sangue.

Eu senti cada pulso do seu coração, como se fosse do meu próprio e cada batida era como fogo sendo forçado através de minhas veias. Eu virei a minha cabeça, tentando recuperar algum controle, mas este simples movimento trouxe um período de tontura.

Eu não havia me alimentado fazia dias.

A sede era tão forte e o seu sangue parecia o mais doce que eu já tinha tomado. Eu deixo o sangue passar pela minha língua, saboreando o gosto, sabendo que eu não deveria, mas não conseguindo parar.

Eu ouvi um choro rouco e a minha cabeça levantou. Eu vi o meu pai. Não houve reconhecimento em seu olhar.

Eu larguei Katherine, forçando-me a deixá-la ir. Eu ainda não tinha tomado o suficiente para prejudicá-la, ela iria sobreviver.

Eu desapareci na noite.

CAPÍTULO 18 - ATUALMENTE

Depois daquela noite eu me alimentei bem, nunca mais me permitindo chegar ao ponto onde eu poderia perder o controle. Aubrey tinha conseguido provar seu objetivo, como sempre.

Minha raiva por Aubrey se transformou em raiva de mim mesma. Então como agora, ele conseguiu usar minhas emoções contra mim.

Por que você o deixa magoá-la? Eu me pergunto. Você sabe que ele faz isso intencionalmente. Porque é que isto continua a me incomodar?

— Covarde — eu digo para mim mesma. Isso é tudo o que você realmente é, uma covarde. Você usa esta cicatriz por trezentos anos e você não fez nada. Você não pode sequer manter o seu temperamento tempo suficiente para pensar!

Eu percebo que, apesar de tudo o que eu tenho dito, eu ainda estava me agarrando a uma parte da minha humanidade.

Por trezentos anos eu tenho evitado ele, recusando-me a lutar. Quando eu era humana, eu era controlada pelo meu pai e pela igreja. Agora Aubrey me controla e eu não luto porque eu tenho medo das conseqüências. Eu poderia morrer, mas este nunca foi o meu medo real. Eu temo que se eu começar a luta, será a prova de que eu sou o monstro que eu tenho tentado por tanto tempo fingir que eu não sou.

Para quem eu estou fingindo? Alexander costumava ser a minha fé. Ele agarrou-se à sua moral, mesmo quando ele pensou que ele poderia estar condenado e eu tentei fazer o mesmo. Por quê? Alexander está morto e ninguém além de mim se importa.

Então, por que se preocupar? Por que fingir? Eu me pergunto. Você não é humana por quase trezentos anos, pare de agir como se você fosse.

O que mais você tem a perder?

Eu troco a minha blusa preta por uma de cor dourada que abraça o meu corpo e mostra uma linha de carne nua bem acima da minha calça jeans preta. Meu humor muda como as sombras da chama de uma vela e eu estou com um humor brincalhão agora, eu desenho no ar uma runa, lembrando disto de algum lugar do passado: Perthro, com forma de uma taça, para as pessoas que estão dispostas a apostar tudo, ganhando ou perdendo.

Eu estou com um humor muito mais destrutivo e imprudente do que nunca. Lembro-me das histórias que me foram contadas sobre Jager. De como ele flertou descaradamente com as seguidoras virgens de Hestia na era grega, dançou em um anel de fadas à meia-noite sob a lua cheia e apimentou uma cerimônia realizada por alguns Wiccans modernos, fazendo os elementos chamados realmente aparecerem. Eu estou com esse tipo de humor. Não tenho nada a perder e eu quero mudar alguma coisa. Destruir algo.

Eu giro o espelho para que ela reflita longe de mim. Eu sei o que eu vou ver se eu olhar para o reflexo elusivo.

Eu levo-me para uma pequena cidade no interior de New York que está escondida no fundo de uma floresta, além da visão do mundo humano, chamada New Mayhem. New Mayhem, a cidade de Mayhem que Ather me mostrou trezentos anos atrás, foi quase arrasada por um incêndio poucos anos depois que eu estive lá pela primeira vez.

Eu fui para New Mayhem várias vezes, mas eu sou a única de minha espécie que não dorme dentro de seus limites. Aubrey tem a sua casa no interior das muralhas de New Mayhem e por isso eu sempre fiz as minhas em outros lugares.

Mesmo com as novas suítes de hotel que abrigam os mortais, os novos bares, as novas academias e as ruas pavimentadas, New Mayhem ainda é uma cidade invisível. Os barmen nunca pedem pela identidade, o hotel não mantém registros de quem vem e vai e o clube noturno é tão estranho quanto uma pista de patinação de gelo no inferno. Ninguém nunca entra, ninguém nunca está lá e ninguém nunca sai, pelo menos, não haveria nenhuma maneira de provar se alguém decidisse verificar os comprovantes, ou números de cartões de crédito, ou qualquer registro escrito das pessoas que estavam lá.

O coração de New Mayhem é um grande edifício no qual está pintado um mural com o tema da selva. Em torno da entrada pulsa uma luz vermelha brilhante que vem de dentro do clube. Lá é para onde eu vou, mal é possível ler o nome na porta: Las Noches.

A luz estroboscópica vermelha é a única luz no interior de Las Noches, dando a sala um efeito giratório. Névoa cobre o chão. As paredes são todas em vidro, na maior parte de espelho, mas em alguns lugares existem olhos pintados sob o vidro. As mesas são de madeira preta polida e se parecem com cogumelos satânicos crescendo na névoa. A música é esmagadora, o baixo é pesado o suficiente para fazer vibrar os nossos corpos ao mesmo tempo da batida, saindo de um alto-falante em algum lugar do teto sombreado.

No balcão, que também é de madeira preta, está uma menina de cabelos negros, chamada Rabe, um dos poucos habitantes de New Mayhem que são completamente humanos. No início da noite, Las Noches tem uma mistura de multidão, mais humanos do que vampiros, na verdade. Rabe trabalha aqui mesmo quando a multidão é completamente vampira.

Eu afasto-me de Rabe e escaneio a sala procurando por uma pessoa. Eu o encontro sentado em uma mesa com uma garota humana, embora eles não parecem estar falando. Eu ando propositadamente para o fundo da sala e ignorando a humana, sento sobre a mesa. Cadeiras? Não para mim, obrigado.

Os olhos de Aubrey se alargam, sem dúvida, perguntando-se quando eu me tornei tão ousada. Eu não olho para a garota, embora eu saiba que ela não saiu da mesa. Ela está sentada muito quieta, mas eu posso ouvir a sua respiração e o seu batimento cardíaco.

— Risika, porque você está sentada na mesa? — Aubrey finalmente me pergunta.

— E por que não?

— Há cadeiras — ele ressalta. A menina atrás de mim lentamente fica de pé, afastando-se silenciosamente, como se eu fosse agarrá-la, caso ela me chame a atenção. Eu quase ri. Eu já estava sorrindo, o lento e preguiçoso sorriso de um gato travesso.

— Parece que o seu encontro está saindo, Aubrey — eu comento e a menina congela. Será que ela tem mais medo de mim do que ela tem de você?

— Vá embora, Christina — Aubrey diz para a menina assustada, que sai em disparada.

— Você não tem classe, Aubrey.

Ele franze a testa momentaneamente com minhas palavras, mas em seguida, decidi ignorá-las.

— Eu me esqueci de comentar sobre o seu novo estilo de cabelo, Risika — diz ele. Ele me lembra daquela besta burra no zoológico.

— Eu percebi que você a amarrou antes de matá-la. Um tigre foi demais para você lidar?

Nós jogamos este jogo mortal bem, cada um de nós atacando o outro sem golpes físicos e é de fato um jogo mortal. Quem vai perder a paciência primeiro? Quem vai dar o primeiro golpe físico?

— Risika, nenhuma criatura é demais para mim — Aubrey ri.

— Oh, corajoso Aubrey — eu digo. Salve-nos dos animais indefesos!

Ele empurra o meu ombro, pegando-me de surpresa e me empurrando para fora da mesa. Então ele está de pé. Até agora, ele ainda não pegou uma arma.

Sento-me no chão, na névoa e começo a ri.

— Você se engana — eu digo. Seu completo idiota.

CAPÍTULO 19 - ATUALMENTE

Vários dos humanos se reuniram em torno de nós, querendo saber o que estava acontecendo. Esta não é uma coisa inteligente a fazer quando dois vampiros brigam. No entanto, os seres humanos são curiosos ao ponto da estupidez e eles não pensam sobre possíveis vítimas, se a luta ficar fora de controle.

Eu levanto da névoa, meu riso levado pelo ar, mas ainda em nossas mentes.

— Você é como uma criança, Aubrey — eu digo. O valentão da vizinhança, eu suponho. Você pode aterrorizar humanos e crianças, mas o que aconteceria se alguém lutasse com você, alguém que sabe o que está fazendo?

— Saia daqui, Risika. Eu não quero lutar com você de novo. Nós já fizemos isto antes. — Sua voz é fria, destinada a assustar, mas eu não vou acatá-la.

— Nós já fizemos isto antes, não é mesmo? Onde está a sua lâmina então, Aubrey? Você me ofereceu ela e pediu-me para matá-lo se eu pudesse. Eu acho que mereço uma segunda chance.

— Por que você se sente compelida a me desafiar novamente, Risika? Você ainda tem a cicatriz que eu lhe fiz da última vez. Você está tão determinada a ter outra?

— Eu uso essa cicatriz como um sinal de que um dia eu vou retribuí-la. Trate os outros como você gostaria que eles fizessem com você, Aubrey. Vou vingar essa cicatriz e cada cicatriz que você colocou em meu coração.

— Sério? Como, Risika? — ele me pergunta, encostando-se à mesa, casualmente. Eu sou muito mais velho do que você...

— Será que isso importa Aubrey? — Eu respondo, lentamente circulando ele. Ele não se vira para me manter a vista, até que eu estou completamente as suas costas, então ele vira. Ele não gosta de ter-me as suas costas.

— Talvez não, mas eu não sou fraco Risika e eu sou imortal. A serpente, escondida na grama.

Uma serpente. Será que ele sabe quantas vezes eu tenho comparado ele com esta criatura?

— Um jardim de serpentes, Aubrey, escondendo-se na grama. Eu não sou mais fraca, mas eu acho que você é. — Eu me inclino para frente, minhas mãos sobre a mesa entre nós.

Eu estou mentindo, é claro. Eu sei que ele é mais forte do que eu, mas eu não vou admitir isso para ele.

— Isto ainda precisa ser visto, não é mesmo? — ele respondeu, afastando-se de mim, como se não importasse onde eu estou.

Outro jogo mortal. Nós circulamos um ao outro. Eu não tenho medo de tê-lo atrás de mim, eu não temo você tanto assim, dizemos um para o outro. No entanto, cuidamos das nossas costas, porque nós dois somos serpentes, dispostos a matar, à espera de uma chance.

— Vamos descobrir? — Sugiro friamente. Eu não me incomodo em esconder a minha aura e eu posso senti-la esticar-se, chocando-se com a aura de Aubrey e crepitando em torno dele. Eu procuro sua aura, procurando por pontos fracos, como eu sei que ele procura na minha.

— Por que você está tão ansiosa para perder, Risika?

Ele tem medo de mim, eu percebo. Ele está jogando para ganhar tempo, tentando me fazer perder a cabeça. Por quê? Porque ele tem medo, pois talvez ele possa perder? Não parece possível que Aubrey ache que eu possa ganhar.

Eu ando ao redor da mesa em direção a ele, até que estou perto o suficiente para que ele se vire, não confiando em mim.

— Por que você está parando, Aubrey? — Meu poder pressiona e atinge o seu como um chicote. Ele vacila um pouco, eu sou forte, eu sou irresponsável e eu realmente não gosto dele.

Seu próprio poder chicoteia de volta e eu sinto uma sensação de queimação em minhas veias. Minha visão fica borrada por um momento, um momento em que Aubrey tira sua faca.

— Você sempre precisa da sua faca, não é, Aubrey? Porque sem isso você iria perder, não é? — Eu círculo atrás dele e ele se vira para me manter à vista. Como o jogo dos insultos, este é um que eu posso ganhar: Siga-me, vigia-me, mas não me deixe ficar atrás de você, porque você sabe que eu te odeio e que vou matá-lo se me for dada uma chance. É somente na luta real que eu temo pensando que posso perder.

— Vamos lá, Aubrey, como nos velhos tempos. Você jogou sua faca no chão e me desafiou a pegá-la. Você está com tanto medo de fazer isso agora?

Eu chicoteio o meu poder em torno de seu pulso. Seus músculos contraem, mas ele ainda segura a faca.

— Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei nenhum mal. — Eu não tenho nada a temer, Aubrey, e você?

Seu poder inflama com a sua ira e eu ouço a madeira estalar. Uma das mesas se divide ao meio e um humano salta para fora do caminho bem a tempo.

— Impressionante — eu digo com desprezo, e chicoteio com meu próprio poder. As paredes espelhadas racham em padrões parecidos com as teias de aranhas, sem deixar nenhum centímetro inteiro. As fissuras percorrem toda a superfície, mas nenhum pedaço cai. Aubrey retrocedeu um passo, para longe de mim.

— Covarde — eu digo. Você foge de mim? Eu dou um passo a frente, sempre consciente da faca em sua mão, ele retrocede novamente, quase batendo em um dos humanos, que pula fora rapidamente.

Aubrey olha para trás dele e nota a multidão pela primeira vez. É em sua maioria humana, mas há alguns de nossa espécie também. Eu vejo Jager encostado à parede e Fala a "filha" de Jager, sentada de pernas cruzadas sobre uma mesa.

— Você é só conversa, Aubrey? Você tem medo de lutar? — Eu círculo para a esquerda enquanto ele se move para ficar atrás de mim, assim eu chego por trás dele. Mais uma vez ele tem que girar para manter-me em sua linha de visão.

— Por que eu deveria ter medo? — pergunta ele, em tom de zombaria. Eu não iria me machucar te destruindo, Risika.

— Eu tenho certeza de que não, Aubrey, mas nunca teremos uma chance de testar sua teoria — eu respondo.

— Testá-la novamente, você quer dizer — diz ele. Nós já testamos antes.

Eu ignoro suas palavras, minha aura atacando a dele em seu centro e agarrando-a. Um humano normal não vê nada e os vampiros vêem apenas um espaço brilhoso entre nós, mas Aubrey sente e eu sinto.

Ele tropeça mais uma vez, levantando seus escudos e jogando o meu poder de volta para mim. Eu agüento com a minha mente, embora eu caia sobre uma mesa e sinto o seu poder crepitar ao redor do meu próprio.

Os humanos só têm uma coisa para usar em uma luta: os seus corpos. Entre os da minha espécie, os adversários lutam com seus corpos, mas também com suas mentes. Eu posso sentir o poder de Aubrey batendo contra os meus escudos, tentando entrar em minha mente, tentando trancar o meu próprio poder. Eu o empurro da minha mente, tentando entrar na sua, tudo isso enquanto ando em círculos, movendo-me para perto, esquivando-me da faca, afastando-me em círculos.

Meus olhos nublam por um momento e minhas veias queimam quando Aubrey ataca novamente. Eu tropeço e ele ataca com sua faca. Eu mal consigo me desviar caindo para trás, mal me segurando antes de cair no chão. Aubrey está lá em um momento, mas eu não estou.

Seu poder, que está agarrado à minha própria aura, impede-me de usar a minha mente para me mover. Mas eu o empurro para longe, por tempo suficiente para mudar para a forma de falcão e voar para longe. Combater a sua mente e manter a forma de falcão ao mesmo tempo é quase impossível e eu retorno à forma humana. A mente de Aubrey é mais forte do que a minha, mas pela primeira vez eu percebo que a diferença é mínima. Se ele fosse tão forte quanto eu pensava, ele poderia ter me impedido de mudar de forma.

Eu vim aqui preparada para perder, mas recusando-me a correr. Pela primeira vez eu percebo que eu posso ser capaz de vencer.

O poder de Aubrey oscila por um momento quando o meu medo diminui e eu o ataco novamente com todas as minhas forças. Aubrey cai para trás alguns metros, eu avanço e ataco novamente. Ele desaparece por um momento e de repente a faca está na minha garganta.

Eu sei que se eu usar o resto de minhas forças para escapar eu não serei capaz de segurar meus escudos mentais e mantê-lo fora da minha mente.

CAPÍTULO 20 - ATUALMENTE

Eu gelo, sentindo uma pequena queimação onde a lâmina pressiona contra a pele da minha garganta. Com essa lâmina, será fatal, se a minha garganta é cortada.

— Eu disse há muito tempo atrás que você não pode me vencer, Risika. — Aubrey acha que ele ganhou e ele não está prestando muita atenção aos seus escudos. Eu não sinto ele empurrando forte contra a minha mente. Por que lutar quando você acha que já ganhou? Eu não mato os da minha espécie a não ser quando sou obrigado, Risika e você não é uma ameaça para a minha força. Então, vá.

Ele tira a faca por um momento, eu bato em seu pulso, quebrando-o. A faca cai no chão, eu o empurro contra os espelhos trincados que compõem as paredes.

Eu começo a rir.

Eu pego a faca antes que ele possa recuperá-la, golpeando-o com a minha mente, mantendo seus escudos baixos. Eu bloqueio a sua mente com a minha, forçando-o para o chão.

— Aubrey, eu aprendi. Na verdade, você me ensinou este pequeno truque. Você acha que quando você virar as costas eu vou ficar longe, com medo. Bem, entenda isso, Aubrey — eu digo, jogando as suas palavras de volta para ele. Não é assim que o mundo funciona.

Agora ele começa a lutar novamente. Ele foi pego de surpresa por um momento, mas ele fica desesperado. Ele ataca usando a linha de energia que eu estou usando para atacá-lo, eu tropeço por um momento perdendo o controle sobre a sua mente, então os seus escudos retornam.

Nós dois sabemos agora que essa briga é séria. Mas ele é fraco e eu posso sentir que ele está com medo. Ele se esqueceu de sua faca, que eu agora eu seguro, seu instinto está todo focado na sobrevivência.

Eu joguei o seu ataque de volta para ele, forçando-o para longe da minha mente. Ele tropeça um pouco, mas, em seguida, joga todo o seu poder contra mim. Eu caio sobre a mesa. Fala senta-se e imediatamente sinto o seu poder de ataque contra mim. Por apenas um momento eu perco o foco, largando a faca e Aubrey me prende ao chão.

Ele recuperou sua faca.

Esta cena é familiar. Lembro-me de trezentos anos atrás, eu jogada no chão da floresta, Aubrey segurando-me com a faca na mão. A memória traz um fio de terror e eu reajo instintivamente. Eu faço o que eu não era capaz de fazer daquela vez.

Eu empurro Aubrey para longe de mim, não muito, apenas um passo ou algo assim. Mas, no momento em que ele perde o equilíbrio eu mudo para outra forma, uma forma que eu conheço por dentro e por fora, uma com força suficiente para lutar.

O tigre de Bengala é o maior felino do mundo. Aubrey não conhece a mente de um tigre, o instinto animal puro, então ele não consegue encontrar uma brecha. Eu golpeio contra ele, marcando seu peito. As feridas se curam em alguns momentos, mas eu o empurrei para baixo novamente.

Aubrey tenta rolar, mas eu o prendo ao chão. Eu sou fisicamente mais forte do que Aubrey e embora ele seja forte quando utiliza a mente para lutar, a minha mente é poderosa o suficiente para conte-lo quando estou sob esta forma.

Eu olho em seus olhos, eu posso ver um lampejo de medo seguido de resignação. Ele parece como se estivesse esperando este momento.

Eu me preparo para um ataque mortal. Mas ele não quer morrer.

— Você provou a si mesma, Risika — diz ele. Anos atrás, eu dei a você a escolha entre desistir ou lutar até a morte. Eu não recebo essa chance?

Eu hesito.

— Aubrey, eu sei como este jogo funciona — eu respondo com a minha mente, porque eu não posso falar a língua humana quando estou sob esta forma. Se eu deixo você ir agora, o que o impede de me apunhalar pelas costas, logo que eu me virar?

Isso não precisa ser até a morte, Risika, Aubrey insiste. Eu posso sentir o seu desespero.

Você me deu aquela escolha, porque eu era fraca, Aubrey. Eu sou mais forte do que você, nós provamos isto bem aqui, mas eu jurei há muito tempo atrás que eu iria vingar tudo o que você tirou de mim. E você tirou muito... o preço é muito alto.

Ele move a cabeça para trás, expondo a sua garganta e eu paro esperando ele se explicar.

— Eu paguei um preço alto há muito tempo atrás por esta vida. Eu não quero que ela acabe ainda — ele me diz com sua mente. Eu te ofereço o meu sangue em troca do sangue que eu derramei.

Ele fala sério. O tolo realmente faria qualquer coisa para sobreviver. Bebendo o seu sangue me faria muito mais forte e abriria a sua mente completamente para mim. Não haveria maneira dele proteger a sua mente de mim, nem como me fazer mal usando a sua mente, o que tornaria praticamente impossível para ele me machucar. Fisicamente, ele teria a mesma força, mas ele não poderia fazer nenhum movimento que eu não pudesse ler de sua mente antes do tempo.

Eu paro por apenas um momento, então retorno à forma humana. Meus dentes perfuram a sua pele e o sangue corre. O sangue de vampiro é muito mais forte do que o sangue humano.

Seu sangue tem gosto de vinho branco, apenas mais espesso e muito mais potente. Eu me sinto tonta quando eu me afasto de novo, limpando o sangue dos meus lábios. O ferimento em sua garganta cura instantaneamente, mas eu sei que a ferida em seu orgulho vai durar por tanto tempo quanto eu.

Eu pego a faca de Aubrey do chão e a contemplo por um momento. Ele está indefeso e se eu o atacasse no coração ele não poderia levantar uma mão para se proteger. Eu sigo a minha cicatriz que vai da garganta ao meu ombro, lembrando e então, como um relâmpago eu passo a faca ao longo da clavícula de Aubrey, criando uma cicatriz idêntica.

— Lembre-se deste dia, Aubrey. A ferida que você criou há muito tempo atrás voltou para você. Eu estarei satisfeita com o seu sangue, apesar de sequer começar a substituir as vidas de Alexandre e Tora. Agora saia.

Eu deixei a sua mente ir, mas eu ainda podia senti-la completamente. É uma sensação estranha. Eu fico em pé facilmente, o seu sangue correndo nas minhas veias, substituindo o poder que eu perdi na luta e muito mais.

Aubrey coloca a si mesmo em uma posição sentada, utilizando uma mesa próxima. Sua pele é farinha branca e seus olhos estão quase vazios enquanto ele levanta a mão para a ferida em seu ombro. Ninguém jamais o feriu e viveu para contar.

Ele se levanta lentamente para sair e os humanos se afastam enquanto ele passa por eles para sair. Aqueles que sabem o que somos, sabem como tamanha perda de sangue aumenta a sua fome e como é difícil para ele manter o controle enquanto ele sai da sala.

Eu viro as costas para ele, sem medo e mudo o meu olhar para Fala, que ainda está sentada serenamente sobre a mesa. Ela não parece se lembrar de quase causar a minha morte.

Eu a chicoteio com o meu poder e ela salta graciosamente quando a mesa de madeira pega fogo. Fala desaparece, não querendo lutar.

CAPÍTULO 21 - ATUALMENTE

Eu caminhei em direção a Jager, os humanos esbarravam uns nos outros para sair do meu caminho. Eu ri da forma como eles saíam apressados do local.

— Veio ver o show? — Eu pergunto-lhe.

— Eu disse que você era mais forte do que Aubrey — diz ele. O covarde. Eu não esperava que ele oferecesse tanto para continuar vivo. Você é provavelmente um dos mais fortes entre nós agora, talvez tão forte quanto eu. Seria interessante descobrir.

— Outra hora, Jager — eu respondi. A adrenalina e energia gerada pela luta ainda estão em mim e uma parte de mim quer lutar com alguém mais forte. Mas a parte racional da minha mente me diz que eu estou muito tonta para lutar contra alguém seriamente.

— Claro, Risika — ele concorda. Jager luta simplesmente pelo desafio, não por um prêmio e ele não luta com ninguém que ele ache que não tenha alguma chance de vencer, a menos que seja necessário. No momento eu estou bêbada do sangue de Aubrey e eu perderia.

— Seus olhos ainda estão da cor de ouro por mudar para um tigre — diz ele.

— Eu gosto deles assim. — Eu rio, olhando para o espelho quebrado. O meu fraco reflexo, agora sumiu completamente, mas eu posso ver-me pela minha mente. Meu cabelo ainda tem as cores de um tigre listrado e meus olhos são dourados como o meu top de seda, a mesma cor que eles eram quando eu era viva, antes do vampirismo os transformar em olhos escuros. Eu corro a minha língua ao longo de meus dentes, lambendo os últimos vestígios do sangue de Aubrey.

Jager desapareceu e eu percebo que quase todo mundo se foi. Tirando uma mecha de cabelo preto da minha cara, eu sinto pela primeira vez, uma familiar aura na parte de trás da sala. Lembro-me de uma carta que recebi recentemente, uma carta com uma mancha de lagrima na página.

— Então, o meu perseguidor veio me visitar em pessoa — eu digo para as costas dele. Nesta luz o seu cabelo loiro parece quase exatamente como o meu foi uma vez. Eu estendo a minha mente e mesmo não podendo ler a sua, eu percebo o que ele é. Eu me lembro da bruxa Triste que esteve no Café Sangra e que tinha dado uma nota para ser entregue a Rachel por sua vítima vampiresca.

Eu não pensei muito sobre isso no momento, mas agora eu gostaria de ter, eu juro, percebendo a verdade que eu deveria ter percebido há muito tempo.

— Eu estava esperando que eu pudesse convencê-la a não seguir essas criaturas... mas eu acho que é muito tarde, não é?

Eu relembro, perguntando-me por que eu nunca o ouvi cair.

— Rachel — ele começa a dizer.

— Alexander, não fale comigo. — Ele esperou trezentos anos para me dizer que estava vivo? Eu me amaldiçoei anos atrás. Eu não tinha, ou achava que não tinha nada a perder. Todos os anos em que eu estive sozinha. Toda a dor que ele poderia ter me poupado...

Que dor ele conheceu? Eu nunca voltei para o meu pai, porque eu não queria que ele visse o que eu havia me tornado. Se eu soubesse que o meu irmão gêmeo estava vivo e imortal como eu, será

que eu teria escolhido passar os anos com ele? Será que ele escolheria passar comigo, sabendo que eu sou um monstro?

Ele se vira e por um momento eu olho dentro de seus olhos dourados, que são reflexos do meu. Mas então ele olha através de mim, para a área onde Aubrey e eu lutamos. Eu vejo o olhar de Alexander demorar no sangue que caiu no chão quando eu cortei o ombro de Aubrey.

— Por quê? — ele finalmente pergunta sua voz macia. Tinha que haver outra maneira de lidar com isso.

Eu olho nos olhos de Alexandre novamente e vejo julgamento lá. Não importa que eu seja a sua irmã. Ele pensa que eu sou um monstro.

Eu rio e Alexander vacila, porque é um som amargo.

— Você preferia que eu deixasse Aubrey fugir? — Eu digo. Eu achava que ele tinha te matado, você sabe. Você quer que eu esqueça isso? Ou você acha que eu poderia dar a outra face e ignorar o seu assassinato?

Alexander olha para longe por um instante, dor enchendo seus traços quando ele ouve o meu desprezo no uso das palavras da Bíblia que ele sempre guardou tão bem quando éramos crianças.

— Eu pensei que você iria me odiar pelo que eu fiz — ele disse.

— E o que você fez?

Ele faz uma pausa, sacudindo a cabeça e depois relutantemente encontra o meu olhar.

— Depois que a Lynette foi queimada, eu teria feito qualquer coisa para protegê-la. Eu orei para que eu conseguisse aprender a controlar o meu poder e... — Ele toma uma respiração profunda, equilibrando-se. Uma mulher me ouviu rezando. Triste. Ela me ensinou mais do que eu gostaria de saber sobre os vampiros e todos os outros monstros na Terra. Eu a ouvi, porque ela também me ensinou a usar os meus dons.

De maldição para dons, eu pensei. Será que ele ainda se considera condenado?

— Algumas noites antes de Ather... mudar você... Eu a peguei tentando se alimentar da Lynette. Eu a parei, mas...

Eu posso adivinhar o resto da história. Ather é orgulhosa demais para deixar que alguém tire sua presa sem procurar vingança. Ela me mudou para magoar Alexander, porque meu fiel irmão seria dilacerado pela condenação de sua irmã.

Alexander desvia o olhar do meu e desta vez olha o sangue de Aubrey em minhas mãos.

— Rachel, como você pôde fazer isso? Eu nunca pensei que eu iria vê-la com sangue em você, querendo matar alguém. Você anda com eles como se você fosse um deles.

Eu poderia argumentar, afinal, eu não matei Aubrey, mas eu não fiz.

Eu amei Alexander há muito tempo atrás e eu suponho que eu ainda o ame. Mas as coisas mudaram em trezentos anos. Pelo menos, eu mudei. Alexander não entende.

Ele tentou me proteger uma vez. Ele tentou me manter longe das trevas e da morte, porque ele não queria que Ather me mudasse para o que eu sou agora. Ele tentou, mas não teve êxito e não

há maneira de desfazer o estrago que foi feito desde então. Eu tenho sido um monstro por muito tempo e embora eu me preocupe com ele, eu não posso mudar a minha natureza agora.

Meu irmão de ouro ainda não pertence a este mundo escuro. Sua irmã está morta, morta há muito tempo e eu não posso trazê-la de volta para protegê-lo de toda a dor que eu sei que me trouxe.

A única maneira em que eu posso protegê-lo agora, é ter a certeza de que ele nunca descubra como pode se tornar fácil matar.

— Alexander, ouça atentamente. Rachel está morta — digo, forçando minha voz a ser fria para que ele não discuta. Eu falo lentamente, dirigindo minhas palavras para o seu cérebro. Eu sou uma deles.

Eu considero as palavras enquanto eu as digo. E é verdade - eu sou uma deles. Mas ninguém, nem Aubrey, nem Ather, nem mesmo meu pai ou meu irmão me controlam agora.

Eu poderia ter matado Aubrey. Eu poderia ter usado a minha força para ser como ele. Mas eu me lembrei da minha humanidade.

Eu sou um deles.

Mas eu também sou Rachel.

Eu sou Risika.

FIM